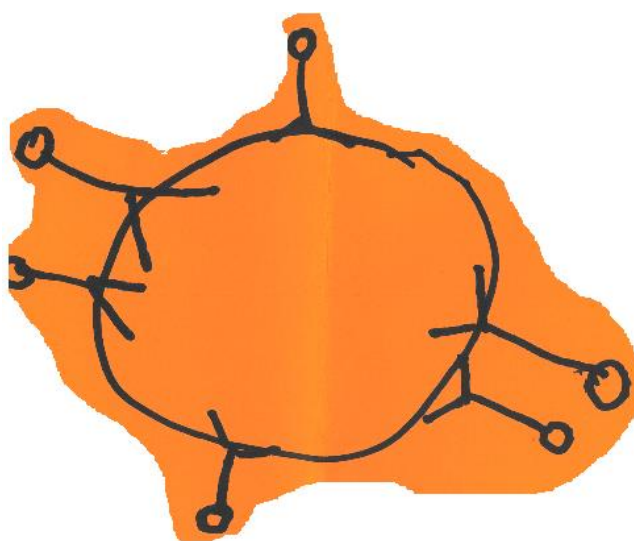


A Casa Tombada

Por uma escola dos sonhos



Trabalho de conclusão de curso apresentado à Casa Tombada como exigência parcial para obtenção de título de especialista em antropologia da infância.

Orientadora: Dra. Adriana Friedmann

Nicole Franco Pimentel

Novembro de 2022



Por uma escola dos sonhos



Nicole Franco Pimentel

Novembro de 2022

Folha de aprovação

Dedico este escrito a todas as crianças de hoje, de ontem e de amanhã. Sem elas nada disso seria possível, muito menos sensível e traduzível. Que possamos continuar aprendendo com as crianças a sermos adultos, dessa forma, quem sabe possamos construir um mundo dos sonhos. Um mundo imaginado, sonhado, criado e reinventado. Um mundo criançaado!

Agradeço primeiramente às crianças, por sua generosidade genuína!

Agradeço à Adriana Friedmann, que mesmo se tornando adulta, conservou a generosidade da criança, obrigada por tanto!

Agradeço ao Roberto Gambini, que foi quem deu o pontapé inicial à pesquisa sobre os sonhos na escola, obrigada por abrir essa porta, ou melhor, esse portal!

Agradeço à Casa Tombada, por nos propiciar a partilha maravilhosa que foi essa Pós-Graduação, pela abertura de espaços de autoria e criação, por acreditar na humanidade urgente.

Agradeço ao Francisco, meu filho, que me fez mãe, me faz experimentar o amor incondicional e, ainda, me possibilita acompanhar o desabrochar da humanidade todos os dias.

Por fim, agradeço a Deus, essa força da Natureza, essa energia, esse amor que gera e possibilita a vida.

"Nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha. ”

Gaston Bachelard - O direito de sonhar (1985)

Resumo

Pensar a educação e a pedagogia como uma práxis complexa é responsabilidade de todos nós que atuamos nos serviços educacionais, fazer ainda tão enraizado nas concepções tradicionais, conservadoras e mecanicistas. No território da escola, a função do educador/a é fundamental para proporcionar e conduzir às crianças a uma experiência educacional imaginativa e criadora. Seria o sonho, uma linguagem tão distante da escola e dos saberes sobre inteligência e aprendizagens, um caminho para pensarmos uma nova perspectiva para a educação ? Mas, para que possamos levar as crianças a sonhar, na perspectiva da fenomenologia da imaginação bachelariana, nós adultos, precisamos nos permitir sonhar. É a partir da escuta de si que podemos fazer laço ao outro e assim, poder escutá-lo em sua alteridade. Moviada por essas inquietações, realizei ao longo de sete meses a escuta dos sonhos de um grupo de oito crianças com idade entre cinco e seis anos, em uma escola privada de educação infantil na cidade de Londrina- PR. Os encontros foram realizados semanalmente, na frequência de uma ou duas vezes por semana. As análises e interpretações das narrativas oníricas foram costuradas e inspiradas no trabalho sobre os sonhos na escola do psicanalista Roberto Gambini (2000) em diálogo com a antropologia poética das infâncias proposta por Adriana Friedmann (2020).

Palavras-chave: sonhos, educação, escola, psicanálise, antropologia, escuta.

Resumen

Pensar la educación y la pedagogía como una praxis compleja es responsabilidad de todos los que trabajamos en los servicios educativos, aun así arraigados en concepciones tradicionales, conservadoras y mecanicistas. En el territorio de la escuela, el papel del educador es fundamental para proporcionar y conducir a los niños a una experiencia educativa imaginativa y creativa. ¿Sería el sueño, un lenguaje tan alejado de la escuela y saberes sobre la inteligencia y el aprendizaje, una forma de pensar una nueva perspectiva para la educación? Pero, para llevar a los niños a soñar, desde la perspectiva de la fenomenología de la imaginación bachelariana, los adultos necesitamos permitirnos soñar. És desde la escucha de uno mismo que podemos vincularnos con el otro y así, poder escucharlo en su alteridad. Conmovidada por estas inquietudes, escuché durante siete meses los sueños de un grupo de ocho niños de edad entre cinco y seis años, en una escuela privada de educación inicial en la ciudad de Londrina-PR. Las reuniones se realizaban semanalmente, una o dos veces por semana. Los análisis e interpretaciones de los relatos oníricos fueron cosidos e inspirados en el trabajo sobre los sueños en la escuela del psicoanalista Roberto Gambini (2000) en diálogo con la antropología poética de las infancias propuesta por Adriana Friedmann (2020).

Palabras clave: sueños, educación, escuela, psicoanálisis, antropología, escucha.

Sumário

Narrativas de vida de uma Psicóloga Educadora - Ensaio autobiográfico	10
Trajetos da pesquisa	27
Os olhos dos sonhos - os sonhos como linguagem perceptiva do mundo	32
Os sonhos na escola ou uma escola nos sonhos	35
Sonhário - por uma gramática dos sonhos	41
O que as crianças nos (me) ensinam sobre os sonhos	57
Referências Bibliográficas.....	59
Anexo 1.....	60
Anexo 2.....	61

Narrativas de vida de uma Psicóloga Educadora - Ensaio autobiográfico

O convite de mergulhar na escuta de si no retorno ávido às memórias de infância foi o percurso que realizamos, num balançar individual e de grupo, durante o último semestre do ano de 2021, referente ao primeiro semestre desta pós-graduação: “A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias”.

A construção do conhecimento acerca da Vez da Voz das Crianças foi sendo alicerçado sobre a escuta de nossas próprias crianças, de nossas infâncias. Caminho de autoconhecimento e de muitos *devires*, numa trama rizomática de histórias de vida costuradas às produções de conhecimentos e autores que dialogam sobre essa temática.

Para este escrito autobiográfico, especificamente, a tarefa foi buscar os enlaces entre minha autobiografia, uma autobiografia escrita por um autor escolhido e o conceito do Fruto de Carvalho apresentado por James Hillman em seu livro *O Código do Ser* (1997).

Como pensar o adulto de hoje sem acessar a criança de ontem? Como praticar a escuta do outro sem antes percorrer a escuta de si? Como saber sobre a infância de hoje sem olhar a infância de ontem? Caminho sem volta, saber de si é libertador, abre espaço para saber do outro, faz laço ao outro. Lembro-me de Lacan: “Desejo é desejo do Outro”.

Na tessitura da minha própria história de vida encontro com tantos outros, outros que também sou eu. Sou feita de partes, partes, muitas partes, quantas partes cabem em mim? Quanta vida cabe numa vida? Muita vida!

Vida figurada em um corpo, que por isso, engendra e carrega também a morte. Vida e Morte, Morte e Vida, numa espiral contínua, sem começo nem fim. Onde começa a vida? Onde termina a vida? A vida está no corpo, a morte está na vida. Morte do corpo é o fim da vida? Mistérios da Vida!

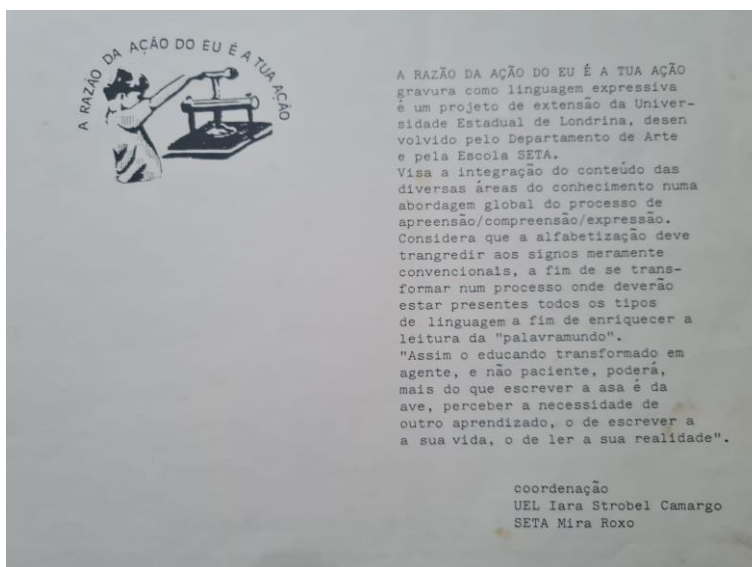
A escol(h)a SETA

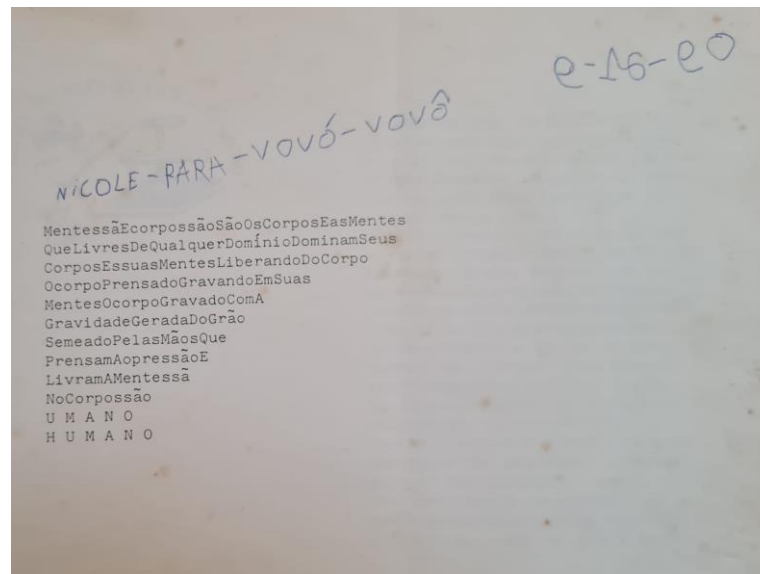
No ano de 1990, época em que eu estava com meus 7 anos de vida, cursando o primeiro ano do ensino fundamental, estudava numa escola que se intitula escol(h)a. Essa escola, que findou seu funcionamento recentemente, no ano de 2021, se chamava SETA (Sensibilização, Trabalho e Educação), situada na cidade de Londrina, minha cidade natal e para onde retornei há sete anos para abrir uma escola de educação infantil,

a Baobá - vivências pelo brincar, será essa uma escola ou uma escol(h)a? Partilho esse projeto de educação com a Ana Tereza de Lucca, pedagoga que foi minha professora no SETA, quando tinha meus sete anos, e que é também nossa companheira nesta pós-graduação - M.O.V.I.M.E.N.T.O - o vai e vem da costura da minha história de vida.

Mas por que falar do SETA? Pela razão de ser o ponto de partida deste escrito, por ter sido o território no qual teci minha primeira infância dos 2 aos 8 anos de vida, por ter sido nesse espaço que aprendi a saber de mim e também a saber do outro, por ter sido ali onde aprendi sobre o coletivo, por ter sido esse meu primeiro espaço social para além do seio familiar.

Voltando ao ano de 1990. Neste ano o SETA realizou um projeto de xilogravura em parceria com a Universidade Estadual de Londrina, o qual resultou na publicação de um livro intitulado: O corpo humano. Seguem fotos do livro:

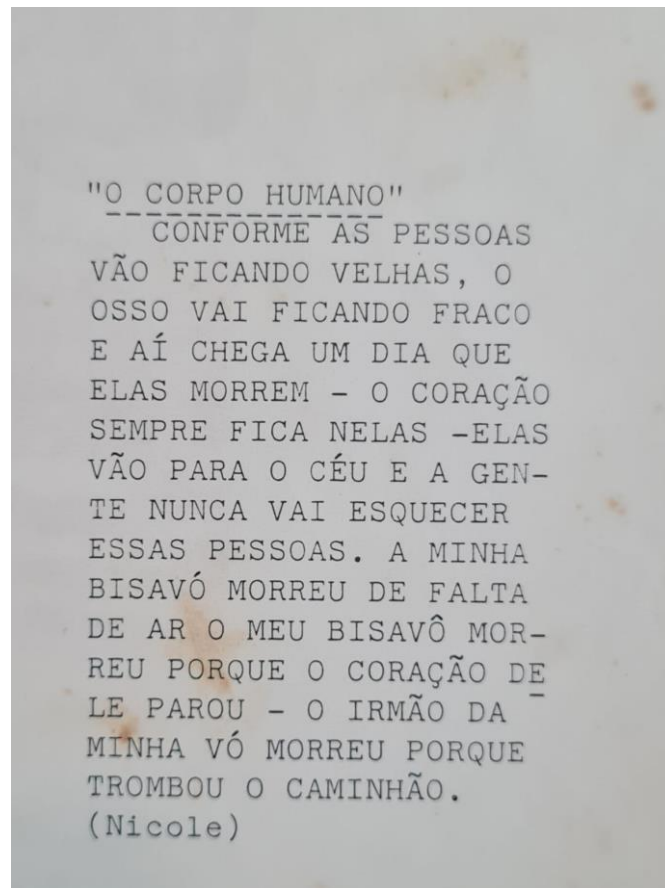




Ao longo do corpo do livro seguem xilogravuras e textos sobre as mesmas, ambos feitos e escritos pelas crianças do fundamental 1. Fazendo o recorte da minha biografia, seguem as fotos das minhas produções:



Nota: Na xilogravura aparecem desenhos de órgãos do corpo humano e também uma flor.



Perguntas que ecoam: o que faz uma criança de sete anos escrever um texto sobre a morte, a partir da insígnia de uma pesquisa sobre o corpo humano? O desenho nos revela a pesquisa sobre o corpo, imagens de órgãos do corpo humano gravados a partir das visitas ao laboratório de anatomia da universidade, pedaços de corpos mortos. Os fatos narrados no texto são oriundos do imaginário infantil, as causas reais das mortes dos familiares não correspondem ao narrado. O que esta criança sabia? Podemos ver aí um saber da humanidade que transcende o tempo cronológico da vida e que aparece na voz da criança? Seria este um fragmento do Daimon ou Fruto do Carvalho? O que dessas memórias de vida vem ao encontro do conceito do Fruto de Carvalho apresentado por James Hillman?

Os carvalhos, particularmente, são árvores-alma.... Toda árvore alta é sábia, segundo o professor africano Malidoma Some, porque seu movimento é imperceptível, sua conexão entre o que está em cima e o que está embaixo, firmíssima, sua presença física, generosíssima e útil. O carvalho, por seu porte, idade, beleza e solidez, seria, portanto, especialmente sábio, e seus frutos trazem toda a sua sabedoria condensada num pequeno núcleo... este conhecimento pode ser revelado a pessoas, na maioria dos casos, mulheres, que sabem "ouvir" e deixar o carvalho falar através delas... O fruto do carvalho,

em termos botânicos, é fruto de uma angiosperma, é uma planta embrionária completa. A essência do carvalho está toda contida nela. Teologicamente, é como uma das *rationes seminales* ou razões seminais de Santo Agostinho... E estas palavras espermáticas possibilitam que cada coisa fale de sua própria natureza — para ouvidos que saibam ouvir... Começar a perceber a semente original da alma de uma pessoa e ouvi-la pode não ser fácil. Como reconhecemos sua voz, que sinais ela dá? (HILLMAN, 1997, pp. 295-297).

Na busca por esses sinais que remontam o que sou, voltemos um pouco mais no tempo.

Dona Vilma

Uns anos antes, quando eu deveria ter por volta de 3 ou 4 anos, estava em um de meus passeios diários acompanhada da Dona Vilma, mulher negra e muito sabida, que se ocupava dos meus cuidados enquanto meus pais saíam para trabalhar.

Cabe aqui um parêntesis para contar um pouco sobre a Dona Vilma. Ela sabia tocar violão lindamente e cantava muito para mim. As memórias que reservo do cancionário popular infantil foram transmitidas por ela. Ela me ensinava sobre todas as coisas, como, por exemplo, com ela aprendi que a forma correta de falar a cor amarelo não era “malelo” que se falava e sim ‘marelo”. Dona Vilma me chamava de boneca, me arrumava e perfumava todos os dias e me levava para passear pelas ruas próximas à minha casa.

Nos caminhos pelas calçadas, morávamos num bairro residencial de classe média, era costume os mais velhos ficarem sentados à calçada jogando conversa fora ou varrendo. Essa menininha de 3 anos adorava parar para conversar e ouvir as histórias contadas. Segundo a Dona Vilma, “a menina tinha apreço pelos velhinhos”. Eis que um dia, no retorno de um desses passeios, chego em casa com uma foto de um velhinho nas mãos e vou correndo mostrar para minha mãe aquele tesouro! Minha mãe fica constrangida com aquele objeto e pergunta de quem era a foto e porque eu a tinha nas mãos. Dona Vilma conta que era de um dos vizinhos, inclusive minha mãe não o conhecia, e que a menina havia pedido a foto de lembrança para o velhinho, dizendo que queria lembrar-se dele quando ele morresse.

Pergunta/sinais: a menina, ainda tão pequenina, já gostava de histórias de vida, já se perguntava sobre a morte. O que a menina sabia? Como uma criança tão pequenina já se interessava sobre a morte, sobre a vida? Os adultos diriam que esse não era um assunto para crianças!

Mas a menina, sabia, sentia. Seria então esse o seu Dom, seu chamado para a vida? Dialogando essas inquietações com Hillman:

O fruto do carvalho é como uma criança roxa de raiva porque não consegue fazer o que imaginou.... Embora possa ter um sabor nutritivo e em comunhão com a doçura angélica, o cerne da noz do carvalho também é amargo. E adstringente, tem cica... A vida não é apenas um processo natural. É também, e mais ainda, um mistério.

O fruto do carvalho é uma dessas metáforas de pequenez, assim como o são o *daimon* e a alma. Estes são menores ainda porque seu lugar é junto aos invisíveis. Pois a alma não é uma entidade mensurável, uma substância, uma força — ainda que sejamos chamados pela força de suas exigências. Não é algo corpóreo, diz Ficino, e, portanto, os meios físicos não têm como apreender a natureza do *daimon* nem do código da alma — só a curiosidade, a devoção, a intuição e a imaginação podem fazê-lo, todos modos de conhecimento do *puer*.

Conservando o arquétipo específico do *puer*, esta teoria pretende inspirar e revolucionar, e também estimular uma afeição erótica nova por este tema: sua biografia subjetiva e pessoal, a maneira como você imagina sua vida, porque esta maneira tem enorme influência na educação dos filhos, no trato dos sintomas e problemas dos adolescentes, em sua individualidade numa democracia, na estranheza da velhice e nas obrigações da morte — na verdade, em todas as profissões ligadas à educação, psicoterapia, escrita biográfica, e na vida do cidadão (HILLMAN, 1997, pp. 304 -305).

Retomando minha análise autobiográfica. Um ano depois da publicação do livro *O corpo Humano* na escola SETA, exatamente em setembro de 1991, no mês seguinte, eu iria completar meus 8 anos em 08 de outubro, atravessei minha primeira experiência de morte real.

A morte do meu avô Antônio

Era uma quinta-feira, 26 de setembro de 1991. Minha mãe tinha saído de viagem para a Argentina, eu fiquei na casa dos meus avós maternos, Irene e Antônio, na época meus pais já eram separados e como meu pai trabalhava o dia todo, eu fiquei sob os cuidados dos meus avós. Meus pais se separaram ainda jovens e era comum eu ficar sob os cuidados dos meus avós enquanto eles trabalhavam ou mesmo quando iam viajar.

Meu avô Antônio era um homem da política, comerciante desde muito menino, fundou um dos primeiros armazéns da cidade de Londrina, onde se vendia desde calça Levis até móveis e eletrodomésticos. A loja se chamava Armazéns Paulista, fazendo referência ao estado onde meu avô havia nascido. Nesta loja meu avô trabalhou por mais de 30 anos, quando decidiu se enveredar para a vida pública se candidatando a

prefeito da cidade de Londrina e, posteriormente, fundou o Sindicato do Comércio Varejista, onde foi presidente, por mais de dez anos, até a sua morte. No dia 26 de setembro, meu avô e minha avó comemoravam aniversário de casamento e naquele dia havia saído uma nota no jornal da cidade parabenizando os “pombinhos” pelo casório, lida por ele em voz alta para mim e minha avó durante o café da manhã.

Seu Antônio era muito sarrista, adorava tirar um “pelo” de todo mundo. Após o café da manhã ele saiu para trabalhar no Sindicato e eu e minha avó ficamos em casa, fazendo as tarefas domésticas. Eu adorava auxiliá-la nas tarefas, ela me chamava carinhosamente de “meu anjinho trabalhador”, o que me deixava ainda mais animada e plena para realizar as tarefas. Estávamos lavando o quintal quando tocou o telefone, atendi e disseram que era da Folha de Londrina e que queriam falar com minha avó para uma entrevista sobre o aniversário de casamento dela e do meu avô. Fui chamá-la e ela atendeu ao telefone, me lembro de ficar ao seu lado escutando a entrevista que já durava alguns minutos, quando ela falou: “ Bem, é você? Você me fez ficar parada esse tempo todo? ” Era meu avô pregando mais uma de suas peças! Passando um trote! Ela desligou o telefone e voltamos à limpeza do quintal. Terminamos a limpeza, ela foi coordenar os preparativos para o almoço e eu fui assistir televisão, era a hora do meu programa favorito: Xou da Xuxa!



Recorte: A escolha da autobiografia a ser lida como tarefa deste curso e também como sugestão de costura neste texto autobiográfico se fez na aposta destas memórias da infância: “Xuxa Meneghel: memórias”. Quando fui à livraria da Vila à procura de um livro autobiográfico, não sabia ainda qual livro gostaria de ler, mas quando na conversa com o vendedor ele me disse que tinha disponível a autobiografia da Xuxa foi: Bingo! A Xuxa hoje em dia para mim é “trash”, acho ela péssima! Mas não posso negar o quanto está presente nas memórias da minha infância.

Voltando ao dia 26 de setembro de 1991. Já era próximo ao horário do almoço quando novamente tocou o telefone. Saí correndo para atender, era ainda daqueles telefones da Ericsson antigos brancos, meio amarelados, com as teclas pretas, parecidas com teclado de computador, lembram?



Então, a chamada de telefone era do Sindicato dizendo que meu avô não estava se sentindo bem e que achavam melhor minha avó ir até lá para buscá-lo. Logo em seguida meu avô pegou o telefone e disse que viria sozinho, que só estava com um pouco de azia e que poderia vir dirigindo sem problema. E ele veio. Chegou em casa, lembro de minha avó dizer que deveriam ir até o consultório do Eduardo, meu pai, que é médico, para ele avaliá-lo. Pedido negado pelo meu avô, que tomou um antiácido e foi deitar no sofá da sala de televisão, onde eu estava assistindo o Xou da Xuxa.

Meu avô se deitou no sofá e eu fiquei com o chão como opção para me sentar e continuar assistindo. Encostei minhas costas numa mesa de centro que havia entre o sofá e o móvel da TV. Naquele instante, pensei que meu avô deveria estar mesmo se sentindo mal, já que não estava fazendo suas brincadeiras como de costume. Muitas vezes quando eu estava assistindo ao Xuxa na Globo, meu avô trocava de canal e colocava na CNT para assistir à reprise de seu programa favorito: Cadeia, do emblemático Luiz Carlos Alborghetti. Cadeia era um programa de TV policial. O apresentador quando estava no ar, gritava e dava porretadas na mesa enquanto falava: Meu nome é Cadeia! Era horrível! Ele, o apresentador, também era feio, meio careca, com os cabelos compridos o suficiente para ficarem armados e bagunçados pela fúria do Cadeia! Meu avô adorava esse programa, assistia diariamente.

Mas acontece que meu avô, sarrista como sempre, trocava de canal e dizia: olha como a Xuxa está bonita, não é mesmo? Ela está com penteado diferente, você não acha? Mas naquele dia não foi assim... Ele se deitou e ficou calado. O que me fez pensar que estava mesmo diferente.

Enquanto eu assistia, de repente, ouvi um barulho e senti meu avô puxando minha blusa com um pedido de socorro. Ele tinha caído no chão, entre o sofá e a mesa de centro. Ele estava muito mal, espumava pela boca, saí correndo para chamar minha vó, que chegou aos gritos de desespero e gritando pediu para eu ligar para meu pai. Me lembro que sabia de cor o telefone da clínica do meu pai. Liguei para ele e disse que meu avô estava morrendo, que ele precisava vir muito rápido. ele me falou que viria o mais rápido possível e que era para eu ligar para ambulância e me passou o telefone. Foi o que eu fiz. Na minha memória, o tempo para meu pai chegar foi o tempo que tive para ligar para a ambulância. Ele chegou muito rápido, me lembro dos gritos de desespero da minha avó e de ver, de longe, meu pai fazendo respiração boca a boca e massagem cardíaca no meu avô.

Eu estava com medo, corri e fui me sentar embaixo da escada, eu queria rezar, mas me dei conta de que não sabia. Meus pais não eram religiosos, não tinham me ensinado a rezar. Chamei a moça que trabalhava de doméstica para minha avó, que estava tão assustada quanto eu, e perguntei se ela sabia rezar, ela disse que sim e rezou comigo sentada embaixo da escada. Naquele dia aprendi a oração do Pai Nosso e nunca mais esqueci. Pouco tempo depois, meu pai me chamou, ele estava chorando, não me lembro de ter visto meu pai chorar antes desse dia, veio ao meu encontro, com a roupa ensanguentada, se ajoelhou, me abraçou e disse que meu avô não tinha aguentado, que ele tinha morrido. Meu avô e meu pai eram grandes amigos, mesmo depois da separação dos pais, eles mantinham uma relação próxima. Meu pai também amava meu avô. Tudo era muito triste. Minha avó, parecia que tinha aberto um buraco no peito dela, ela gritava de dor! Dor de perder seu companheiro de vida. Meus tios, o Sérgio, que é meu padrinho, e o Marco, chegaram logo na sequência. Lembro de eles ligarem para minha mãe, que estava no aeroporto de São Paulo a caminho de Buenos Aires. Ela não foi viajar, voltou no dia seguinte.

Os preparativos do corpo do meu avô foram feitos ali em casa mesmo, escolhemos a roupa e limpamos seu corpo com panos úmidos. Meu padrinho, o tio Sérgio, perguntou se eu queria dar um último abraço no meu avô antes de levarem ele, lembro de abraçar seu corpo grande e sentir sua pele gelada e sem vida. Seu corpo foi velado no Sindicato, tinha muita gente no velório. Gente que eu nunca tinha visto, meu avô era uma figura pública na cidade. Lembro que fiquei agarrada à minha avó, ela estava dopada pelos calmantes que meu pai tinha dado a ela. Minha mãe chegou no outro dia, ainda no velório, antes de irmos para o enterro. Ela me deu de presente um macacão azul claro com

botões dourados, lindo. Foi a roupa que usei no enterro. Depois do enterro viemos, a família toda para a casa da minha avó, lembro de passarmos dias juntos, conversas, brigas e comidas. Minha mãe e eu não voltamos para casa, ficamos dormindo com minha avó.

Na semana seguinte eu atravessaria minha segunda experiência de morte real.

A morte dos meus avós paternos

Passado uma semana, exatamente na missa de sétimo dia de morte do meu avô Antônio, dia 02 de outubro de 1991, que aliás foi organizada pela minha avó paterna, a Dona Cleta, que era uma “carola”, muito devota à Igreja Católica e que participava ativamente das atividades eucarísticas, com muito apreço, na Catedral da cidade de Londrina. Nesse dia, meus avós paternos, a Dona Cleta e Seu Vinício, estavam voltando de carro da fazenda, que ficava numa cidade vizinha de Londrina, para participarem da missa do meu avô Antônio e... se acidentaram drasticamente. Os dois vieram a falecer naquele mesmo dia 02 de outubro de 1991.

No dia da missa de sétimo dia, me lembro que eu e minha mãe havíamos ido até nosso apartamento para trocarmos de roupa. Quando estávamos saindo, o telefone tocou e minha mãe ficou atordoada, chorou. Questionei o que tinha acontecido, mas ela me disse que estava tudo bem. Num clima muito estranho fomos à missa, percebi que tinha uma conversa velada durante a missa, os adultos saíam para conversar, falavam baixo, como se estivessem escondendo algo de mim e de minha avó. Lembro-me de perguntar sobre meu pai, porque ele não estava lá, mas tive uma resposta aleatória, ele não pôde vir, está de plantão no hospital. Mas a verdade, que eu iria saber somente no dia seguinte, era que meus avós paternos tinham falecido. Minha família resolveu poupar a mim e à minha avó Irene da notícia, achavam que, por amor, estavam nos cuidando. Não fomos nem mesmo ao enterro dos meus avós paternos. Tudo era muito triste e pesado. Os caixões estavam fechados e nem mesmo o velório teve. Quando nos contaram o enterro já havia acontecido. Minha família estava em frangalhos, dos dois lados, da minha mãe e do meu pai. Vale lembrar que meus pais eram jovens, na época tinham seus 36 e 37 anos. Ficaram órfãos ainda jovens. Em uma semana perdi meus três avós.

Alguns dias depois seria meu aniversário de 8 anos: 08 de outubro de 1991. Fizeram uma festa na casa do meu pai. Uma festa enlutada, me lembro da tristeza e também dos choros aqui e acolá. Não posso criticar os adultos pelo feito, nem mesmo pela tentativa de celebrar minha vida apesar das circunstâncias. Não sei ao certo, mas me

parece que essa foi uma forma de reparo, de dar contorno ao vivido para a criança e para o adulto. Me lembro da cama do meu pai repleta de presentes, muitos familiares distantes estavam em Londrina por motivo do falecimento dos meus avós e, por isso, ganhei muito mais presentes do que de costume. Lembro-me de ter ganhado uma boneca enorme da Xuxa, acho que nunca brinquei com ela, nem mesmo me lembro de ter assistido Xou da Xuxa novamente. A sensação que tenho é que a partir daí deixei de ser criança. Menstruei, no ano seguinte, aos nove anos. Pulsão de vida, Pulsão de morte, eu precisava crescer. Mas essa pulsão de vida, que aparecia como "querer crescer", dar conta das coisas sozinha, ser independente, saber sobre a morte já me acompanhava antes dessas experiências com a morte. Lembram do livro do SETA?

Voltando um pouco no tempo... Férias no Rio de Janeiro - verão de 1990/1991

Em meados de 1990, meu pai, que naquela época tinha duas namoradas, uma que eu gostava, que se chamava Valéria e era mais antiga, e uma outra que não gostava tanto assim, mais recente, que se chamava Adriana. Num dos fins de semana que passava na casa dele, meu pai me fez a seguinte pergunta: “ Cole, se fosse para você escolher uma das minhas namoradas, quem você escolheria? ” Sem titubear na resposta falei: a Valéria! Na sequência ele me conta que a Adriana estava grávida e que iria morar com ele. Não pude escolher minha madrasta, mas ganhar um irmão era um sonho desejado há muito tempo! Fiquei feliz!

Antes do nascimento do meu irmão, meu pai planejou uma viagem só para nós dois, acho que ele sabia que a partir dali as coisas seriam diferentes, ele seria pai de dois e também estaria casado. Foi assim que fomos passar um tempo de férias no Rio de Janeiro, na casa do meu primo Caico. Eu me senti importante, uma grande menina que iria ganhar um irmão logo mais e que estava indo fazer uma viagem especial com o pai. O recorte que quero fazer dessa viagem é sobre esse chamado de independência, esse recurso interno, que parece que já dispunha.

Segundo meu pai me conta, eu fazia um esforço danado para manter as malas organizadas, dobrava as minhas roupas e as dele. Quando íamos a um restaurante, fazia ele pedir um prato de comida só para mim e outro para ele, não aceitava dividir. Eu queria ler o mundo, queria saber todas as palavras e naquele momento ainda estava começando na aventura da leitura da palavra escrita. Me lembro do esforço em ler todas as placas, eu queria saber! Por isso decidi que o melhor para mim era sair daquela escola que não

ensinava as letras e os números. Naquelas férias decidi sair do SETA. Sim! Com toda a coragem de uma menina de 7 anos decidida! Minha mãe achava que deveria ficar e aproveitar aquela experiência, me disse que todas as outras escolas eram mais ou menos iguais e que o SETA era especial. Mas, como sempre fez e faz ao longo da minha vida, minha mãe me apoiou.

Antes de sair do SETA, fui até a escola me despedir, me lembro da Mira, diretora da escola me dizer: “Você está saindo da escola por escolha do seu pai, por influência dele. Quero que você saiba que essa decisão não tem volta, é sua responsabilidade. ” Pode ser que meu pai tenha influenciado essa decisão, afinal, a opinião dele e sua aprovação em minhas escolhas eram muito importantes para mim e ele não gostava muito do SETA, achava tudo muito livre. Mas eu sei que precisa de formalizações, precisava experimentar um espaço escolar formal e essa experiência foi importante para mim. O que eu não contava era com a avalanche que viria no ano de 1991. Naquele mês que perdi meus três avós, pedi para minha mãe que queria voltar para o SETA, e ela entrou em contato com a escola, que me acolheu. A Mira, aquela que me disse que a decisão de sair era minha responsabilidade, me acolheu. Passei quase um mês indo todos os dias ao SETA. Revisitei a escola, minhas raízes e meus amigos, me fortaleci. Mas aquela já não era mais minha escol(h)a. Voltei para escola nova e continuei.

No SETA os ouvidos sabiam ler o Fruto do Carvalho, os adultos que ali compunham e faziam a escola acreditavam nas crianças e responsabilizavam-nas por suas escolhas, mesmo sendo crianças. O acolhimento desse Dom, sua escuta, aparece aqui neste recorte autobiográfico.

Nascimento do meu irmão

Em 5 de maio de 1991 nasceu meu irmão, o qual veio a ter o nome do meu avô, Vinício. Próximo ao seu nascimento, nossa cachorra, que se chamava Mel e era da raça Setter Inglês, deu a luz a lindos filhotinhos. Eu sempre amei os bichos e me ocupar de seus cuidados era tarefa realizada com muito apreço. Desde que me conheço por gente sempre gostei de cuidar. No início o cuidar apareceria no cuidado dos bichos, no gosto por ouvir as histórias dos mais velhos, no ajudar minha avó nas tarefas de casa, eu amava quando ela me chamava de “meu anjinho trabalhador”. Agora eu tinha um irmão, um bebê para cuidar!

Num dos fins de semana na casa do meu pai, com meu irmão bem pequenino, ele nasceu em maio e me lembro que fazia muito frio naquela época. A imagem dele no berço, seu rostinho vermelho com o corpo enrolado num cobertor azul claro, é nítida em minha memória. Eu amava meu irmão e amava a Mel, queria que eles se conhecessem, queria que meu irmão visse aqueles filhotinhos lindos. Não tive dúvida! Peguei meu irmão do berço e o levei até o canil com os cachorros, acomodei seu corpinho delicadamente em meu colo e fiquei ali sentada no chão com ele, a Mel e os filhotinhos. A Mel deu algumas lambidas e cheirou meu irmão, parecia feliz com nosso encontro. Eu estava muito feliz! Até que minha madrastra, a Adriana, chegou e me deu a maior bronca, apanhei de chinelo naquele dia. Mas depois daquele dia, entendi que para eu ter uma relação com meu irmão, como eu imaginava, teria que esperar ele crescer. A Mel passou a dormir embaixo da janela do quarto do meu irmão. Ela cuidava dele o tempo todo e eu imaginava em silêncio que aquele cuidado era porque eu o tinha levado bebê para ela conhecer, eu acreditava que o amor dela por ele tinha nascido através de mim. Me sentia forte e grande. Com o passar dos anos aprendi também a amar a Adriana, mãe do meu irmão, com quem hoje, na vida adulta, mantenho uma relação de carinho.

Fazendo um recorte da autobiografia da Xuxa (2020), ela também tinha um apreço pelos bichos, em um de seus capítulos: Os bichos não têm voz, Xuxa discorre sobre sua relação com os animais e a decorrente escolha por ser vegana.

“ Sempre me senti conectada aos animais “não humano”. Sempre. É maior do que eu, é como se eu pertencesse mais ao universo deles... Depois de pensar muito, aos treze anos abandonei de vez a carne vermelha. Depois o frango, o ovo.... Segui com leite e queijo sem lactose e, uma vez por semana, peixe. Afinal, diziam que tal proteína animal era necessária.

Mas isso não duraria. Eu não podia machucar um bicho. E, mais pra frente, eu me tornaria, orgulhosamente, vegana. ” (MENEGUEL, 2020, pp.23-24)

Na costura dos recortes autobiográficos, o meu e o da Xuxa, sob a ótica do conceito do Fruto do Carvalho, esses momentos marcantes das memórias da infância seriam nossos chamados? Sobre esses momentos Hillman (1997) discorre:

Há mais coisas numa vida humana do que permitem nossas teorias a seu respeito. Mais cedo ou mais tarde, alguma coisa parece nos chamar para um caminho específico. Essa ”coisa” pode ser lembrada como um momento marcante na infância, quando uma urgência inexplicável, um fascínio, uma estranha reviravolta dos acontecimentos teve a força de uma anunciação: isso é o que devo fazer, isso é o que preciso ter. Isso é o que sou. (HILLMAN, 1997, p.13)

Talvez nossa vida seja menos determinada pela infância do que pelo modo como aprendemos a imaginar nossa infância. Pois isso é o que se perde em tantas vidas, e o que precisa ser recuperado: um sentido da vocação pessoal, de

que existe uma razão para eu estar vivo.... Como juntar as peças de minha vida para formar uma imagem coerente? Como encontrar a trama básica de minha história? Em resumo, então, este livro é sobre vocação, destino, caráter, e sobre imagem inata. Essas idéias formam a “teoria do fruto do carvalho”, que sustenta que cada pessoa tem uma singularidade que pede para ser vivida e que já está presente antes de poder ser vivida... Antes de poder ser vivida suscita dúvidas sobre outro paradigma importante: o tempo... O tempo também precisa ser posto de lado; do contrário, o antes sempre determina o depois, e você fica acorrentado a causas passadas sobre as quais você é incapaz de ter algum efeito. Portanto, este livro dedica mais tempo ao atemporal, tentando ler uma vida tanto de frente para trás quanto de trás para a frente (HILLMAN, 1997, pp. 14-17).

A teoria do fruto do carvalho propõe, e trarei evidências para este postulado, que você, eu e todas as pessoas nascemos com uma imagem que nos define. A individualidade está numa causa formal — para usar uma linguagem filosófica aristotélica. Cada um de nós encarna nossa própria ideia, na linguagem de Platão e Plotino. E essa forma, essa ideia, essa imagem não tolera muito extravio. A teoria também atribui a essa imagem inata uma intenção angélica ou daimônica, como se ela fora uma centelha de consciência; e, sobretudo, sustenta que ela se preocupa com nosso bem-estar porque nos escolheu por razões suas (HILLMAN, 1997, p. 22).

Dialogando com as considerações sobre a teoria do Fruto do Carvalho, mais especificamente a essa imagem inata que nos define e nos escolhe, seria essa força que senti quando vi meu irmão, a Mel e seus filhotes, essa união entre eles que eu acreditava ser a mentora, aquela que possibilitou o amor? Seria esta imagem que me rege? Essa é a mesma imagem que fez com que eu saísse do SETA, que me fazia querer crescer, que me fez seguir, que fez com que eu me sentisse especial e escolhida pelo meu avô no momento de sua morte? Se tem uma imagem que carrego da minha infância era de ser especial, me sentia muito amada. Amada pelos meus pais, apesar de todos os percalços, me sentia amada pelos meus avós, por meus padrinhos. Me sentia especial, sentia que tinha o dom das relações.

Sobre meu nascimento e a escolha do meu nome

Nasci no dia 08 de outubro de 1983, exatamente no mesmo dia do aniversário do irmão mais velho do meu pai, o Sérgio. Não cheguei a conhecê-lo, ele faleceu em 1975, alguns anos antes do meu nascimento. Meus avós paternos diziam para mim que nasci para trazer a alegria de volta. Meu tio faleceu muito jovem aos 26 anos, em decorrência de um acidente de carro, muito parecido com a morte de seus pais, meus avós. Seria esta a intenção daimônica que me escolheu?

Quando eu estava para nascer, meus pais estavam em dúvida sobre a escolha do meu nome, não sabiam se eu chamaria Sofia ou Nicole. Meu tio Sérgio, irmão da minha mãe e que também é meu padrinho - sim eu tenho dois tios chamados Sérgio, um

do lado do meu pai e outro do lado da minha mãe - passava pela manhã para levar pão para minha mãe e gritava do portão: “ Sofia da mãe, Sofia do pai, Sofia da puta: Nicole, Nicole! E foi assim, que Sofia ficou fora de questão e meu nome ficou sendo Nicole.

Em sua autobiografia, Xuxa inicia o livro tecendo suas memórias de infância e o título do primeiro capítulo é: Nasci Xuxa. Aparece ao longo de suas memórias a história de seu nome. Sua mãe, Aldinha, passou parte de sua vida sendo cuidada por Ciganos e com eles aprendeu a fazer trabalhos artísticos, ler mão, cantar e dançar. Pelo convívio com os Ciganos e com a memória do falecido pai, que era também artista, Alda sonhava em ter filhos artistas. A escolha dos nomes de seus cinco filhos foi por nomes diferentes e inventados ou ligados à arte. Mas, no caso de Xuxa, esse invento e desejo não foi possível. O fato é que Aldinha teve complicações no parto e o médico chamou o pai e lhe disse que teria que escolher pela esposa ou pela filha. E seu Luiz escolheu pela esposa. Mas prometeu que se a menina sobrevivesse se chamaria Maria da Graça.

Claro que Maria da Graça frustrou minha mãe. Mas não dava para “brigar” com um milagre, não é mesmo? O fato é que nunca a vi me chamando de Maria da Graça. Para ser bem honesta, o nome nem chegou a ser usado.

Explico: ao chegar em casa, da maternidade, minha mãe disse ao meu irmão Blad, que estava com dois anos e meio:

-Comprei um bebê lindo pra você brincar.

-Eu sei, é minha Xuxa.

Minha mãe ficou tão encantada com aquele nome, era como se ela soubesse que eu deveria ter sido chamada assim desde o começo.... Tanto que, quando comecei a frequentar a escola, ela pedia para colocar Xuxa na chamada.

-Se colocarem Maria da Graça, vai ser falta todos os dias. Ela não atende por esse nome - justificava (MENEGHEL, 2020, pp. 13-14).

Coincidências ou não, meus dois tios Sérgio foram determinantes na construção dessa imagem inata, um que me deu o lugar da alegria com sua própria morte, o outro que, com suas brincadeiras matinais, me deu um nome. Assim como o irmão da Xuxa e sua mãe deram a ela esse lugar-nome para existir.

Sem uma teoria que sustente a criança desde o início e sem uma mitologia que ligue cada criança a alguma coisa antes de seu começo, a criança entra no mundo como um mero produto — acidental ou planejado, mas sem sua própria autenticidade. Suas perturbações também podem não ter autenticidade, uma vez que a criança não entra no mundo por suas próprias razões, com seu próprio projeto e guiada por seu próprio gênio.

A teoria do fruto do carvalho dá uma psicologia da infância. Afirma a singularidade e o destino inerentes à criança, o que significa antes de mais nada que todos os dados clínicos da disfunção pertencem de certo modo a essa singularidade e a esse destino. As psicopatologias são tão autênticas quanto a própria criança. Não são secundárias nem contingentes. Acompanhando a criança, até mesmo oferecidos a ela, os dados clínicos são parte de seu dom. Isso significa que cada criança é uma criança dotada, que contém dados de todos os tipos, dons que lhe são peculiares e que se revelam de formas peculiares, muitas vezes desadaptadas, causando sofrimento (HILLMAN, 1997, p.24).

Recapitulando: deixe-me resumir o que podemos até agora atribuir à teoria do fruto do carvalho. Ela afirma que cada vida é formada por sua imagem única, uma imagem que é a essência dessa vida e a chama para um destino. Tal como a força do destino, essa imagem age como um *daimon* pessoal, um guia que se lembra de seu chamado.... Tem muito a ver com sentimentos de singularidade, grandeza e com a inquietação do coração, sua impaciência, sua insatisfação, seu desejo. Carece de seu quinhão de beleza. Deseja ser visto, testemunhado, reconhecido, particularmente pela pessoa que dele cuida. É lento para se fixar e rápido para voar. Não pode mudar seu próprio chamado supremo, sentindo-se ao mesmo tempo só e exilado, e em harmonia cósmica. As imagens metafóricas são sua primeira língua inata, que fornece a base poética da mente, possibilitando que todas as pessoas e todas as coisas se comuniquem por metáforas (HILLMAN, 1997, pp. 50-52).

Saltando da infância para a vida adulta de hoje, fazendo um recorte ainda maior referente ao meu trabalho, não que minha adolescência, juventude e demais vivências e experiências da vida adulta não tenham dados autobiográficos com pistas para a relação com o conceito do Fruto do Carvalho, vou me ater à infância que é o recorte deste estudo e sua relação com o presente. Quem sabe me encoraja na continuação desta brincadeira profunda e séria, que é a escrita autobiográfica, e continue esse percurso do começo ao fim. Seria lindo! Que exercício incrível de autoconhecimento são os escritos autobiográficos!

Mas, afinal, será que a Nicole de hoje tem relação com a Nicole criança, será que essa adulta está sendo fiel àquela criança em seu chamado primordial? Sou feliz, me sinto realizada e ancorada em meu propósito de vida. Sigo me sentindo importante nas relações que intermedo, promovo e sou provocada, enquanto construo no coletivo e em conjunto com outros adultos e crianças, um projeto/escola como espaço de vida coletiva, exercício constante de cuidados. Sou psicóloga de formação e psicanalista por opção, depois de anos de análise pessoal, percebi que apenas o trabalho no consultório não me satisfazia, eu precisava das relações, do coletivo.

O universo das crianças sempre foi um chamado, uma força que me chama e me atrai. Quando chego em um espaço, sempre me apego às crianças, suas brincadeiras, suas falas, seus gestos, seus modos de ser, estar e habitar esse mundo. Será que encontro

nas crianças essa criança primordial que habita em mim? Será que sigo ouvindo meu *daimon* deixando-o reger a minha vida? A vida e seus mistérios!

Trajetos da pesquisa

O quê?

Pesquisa etnográfica em antropologia da infância, desenvolvida como conclusão do Curso de Pós Graduação Lato Sensu: A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias.

Tema gerador: Os sonhos na escola da infância.

Onde?

Território da Pesquisa: Centro de Educação Infantil Baobá - vivências pelo brincar, localizado na cidade de Londrina - Paraná.

Com quem?

Orientadora:

Adriana Friedmann

Pesquisadora:

Nicole Franco Pimentel

Crianças: Grupo dos Gigantes (equivalente ao último ano da pré-escola, P5)

CAROLINA - 5 anos e 3 meses

BENTO - 6 anos e 2 meses

LIVIA - 5 anos e 5 meses

MARINA - 5 anos e 4 meses

LORENZO - 6 anos e 2 meses

MIGUEL - 6 anos e 0 meses

RAFAEL - 5 anos e 5 meses

VICENTE - 5 anos e 9 meses

Educadores:

NICOLE BATISTA VENTURINI

IGOR DINIZ

Como?

Desenvolvimento da pesquisa:

A pesquisa de campo se iniciou em 28 de março de 2022 e terminou em meados de outubro. Para sua realização a pesquisadora convidou o grupo de crianças para encontros semanais, os quais denominou de Roda dos Sonhos. Os encontros tiveram como ponto de partida o consentimento das crianças para a participação da pesquisa, registrado através de desenhos e escritas das mesmas. Desde então, o grupo se reuniu com a pesquisadora, uma ou duas vezes por semana. Foram realizadas 23 Rodas dos Sonhos, nas quais foram coletados e registrados mais de 100 relatos de sonhos das crianças.

Recursos de registro da pesquisa:

As Rodas dos Sonhos foram gravadas, por vídeos, a partir do celular fixado em um ponto da sala de encontro. A pesquisadora também dispõe de um Caderno dos Sonhos, onde escreve (quando possível) os sonhos relatados pelas crianças. Além dos relatos orais, os sonhos foram registrados pelas crianças através de desenhos, os quais eram produzidos logo após seus relatos.

Organização dos encontros:

Todos os encontros seguiram a seguinte ordem:

- Os dias e horários foram pré-fixados, de acordo com as demandas e sugestões da educadora de referência do Grupo e, seguiram uma repetição constante: todas as terças e/ou quintas-feiras após o lanche.
- A pesquisadora preparava o espaço, normalmente a mesma sala disponível na escola: organizava no chão um círculo com almofadas e um tapete ao centro. No centro do tapete era colocada uma vela (que era acesa por uma das crianças, a criança-fogo do dia), luzinhas de natal eram dispostas, formando e delimitando o círculo onde cada criança iria escolher seu lugar para se sentar. A sala sempre era

preparada com pouca luz externa, convite para um encontro para dentro, introspectivo, de incursão no mundo dos sonhos.

- No início da Roda, as crianças decidiam quem tinha sonhos para contar, a pesquisadora apontava quais crianças faria o relato do sonho e sua sequência, anotava também a data da roda. Concluído esse ritual, passávamos para os relatos dos sonhos individuais e em seguida, os sonhos eram registrados através de desenhos.
- O exercício da Escuta Atenta, da voz de cada uma das crianças, foi nossa prática e aprendizagem constantes.

Porquê?

O título da pesquisa: Por uma escola dos sonhos, é um convite, uma provocação.

Uma escola dos sonhos, não é uma escola ideal, no sentido mesmo do inalcançável, da ideia de uma escola exemplar ou mesmo fantástica.

Uma escola dos sonhos, é aqui entendida como espaço de vida coletiva que acolhe e vive o novo, o poético, a imaginação criadora das crianças, suas infâncias e culturas. Mas por que os sonhos? Por que escolher os sonhos, essa matéria tão distante do currículo escolar, campo “exclusivo” da psicologia e tão “distante” da pedagogia?

Qual a importância do sonho na criação e transformação da realidade? Ailton Krenak diz que em muitas culturas tradicionais a experiência do sonho não se limita ao dormir e sonhar, mas é percebida como um exercício de buscar no sonho respostas e orientações para nossos dilemas e decisões do cotidiano “acordado”. O sonho traz uma abertura de sentidos e perspectivas para pensar um amanhã diferente do ontem, para imaginar uma vida outra. Ele fala sobre o sonho como uma “suspensão do céu”, um exercício de ampliação do nosso horizonte existencial quando a sensação de que céu e terra estão próximos demais for sufocante. Uns têm tempo para sonhar, outros só vivem acordados, e mais tantos têm a vida interrompida no meio do sonho. Vivemos em um movimento automático, rodando nessa dança sem graça e violenta que quer acabar com os sonhos: “Pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos

nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente poder contar mais uma história” (KRENAK, 2019. p. 14).

Seguindo com Krenak, pensando no mundo como um lugar possível de para diversas cosmovisão e de humanidade:

Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada (KRENAK, 2019. p. 14)

Sonhos ou devaneios?

Muitas vezes, durante os relatos orais das crianças sobre seus sonhos, fiquei em dúvida: Será um sonho, um devaneio da infância, uma narrativa mista de ambas as coisas?

Em *A Poética do Devaneio*, obra escrita em 1960, Bachelard escreve, por um viés filosófico, sobre o despertar da imaginação por meio da imagem poética. Dando ênfase aos sonhos e aos devaneios como formas de pensar que aproximam imaginação e razão, tornando-as complementares no processo de criação. O ato de criar é dependente do ato de sonhar. E ele próprio é um sonhador, um sonhador de palavras:

Sou, com efeito, um sonhador de palavras, um sonhador de palavras escritas. Acredito estar lendo. Uma palavra me interrompe. Abandono a página. As sílabas da palavra começam a se agitar. Acentos tônicos começam a inverter-se. A palavra abandona o seu sentido, como uma sobrecarga demasiado pesada que impede o sonhar (...) A palavra vive, sílaba por sílaba, sob o risco de devaneios internos (...) Como não devanear enquanto se escreve? É a pena que devaneia. É a página branca que dá o direito de devanear (BACHELARD, 2009, p.17).

O sonho que leva ao devaneio é diferente do sonho noturno. Este é ato inconsciente e passivo. Não se sabe realmente quem o sonhou. Naquele há intervenção da consciência. A descrição que Bachelard (2009) faz dos devaneios poéticos não é uma descrição empírica dos fatos, mas é com um olhar fenomenológico, de uma experiência individual, que mostram o caráter construtivo do devaneio poético. Segundo o autor, é através de uma “fenomenologia da imaginação”, como ele mesmo a denomina, que se pode aprofundar o estudo da imagem criadora que os poetas nos oferecem. Imagens que nos põem no mundo, que possibilitam um mundo, que instigam pensamentos. Conhecer e imaginar são ações fundamentais e específicas da condição humana. Podemos dizer que o devaneio é uma arte educativa e de formação de sensibilidades. Nesta perspectiva, é

possível também pensarmos novas possibilidades na formação de educadores e práticas pedagógicas, sobretudo na forma de conceber a imaginação e a produção de conhecimento na escola. Pois acredito que a criança deve viver o mundo e a escola deve ser um lugar onde também se “vive” o mundo.

Em tempos de constantes transformações que a sociedade vive, a escola não pode ficar parada. A escola é a mesma de 100 anos atrás, mas e as crianças, elas são as mesmas, suas necessidades não mudaram? O mundo e a sociedade são os mesmos do século passado? É claro que não! Então porque a escola, ousou dizer às instituições de ensino de modo geral, mantém suas práxis da mesma forma? É necessário acompanhar esse processo de mudanças e buscar alternativas pedagógicas que deem conta da complexidade do ser humano na atualidade. Complexidade entendida como nos descreve de Morin (2015): complexidade significa o conjunto de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo enquanto fenômeno.

Pensar a complexidade do fazer educação é responsabilidade de todos nós que atuamos nos serviços educacionais, fazer ainda tão enraizado nas concepções tradicionais, conservadoras e mecanicistas. No território da escola, a função do educador/a é fundamental para proporcionar e conduzir às crianças a sonhar, a uma experiência imaginativa e criadora. Mas, para que possamos levar as crianças a sonhar, na perspectiva da fenomenologia da imaginação, nós adultos, precisamos nos permitir sonhar. Resgatando, nossas lembranças de infância, pois como nos alerta Bachelard (2009) “uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido (pp. 94-95).

Será possível uma Escola dos Sonhos? Eu acredito! Não importa se é um sonho diurno, um sonho noturno ou mesmo um devaneio, o que precisamos construir e viver é a escola como espaço de vida coletiva onde possamos todos, adultos e crianças, sonhar e devanear, poetizar a vida, construir novas realidades estéticas, éticas, políticas e poéticas. Me diz, com o que você sonha?

Os olhos dos sonhos - os sonhos como linguagem perceptiva do mundo

As discussões teórico-práticas contemporâneas, bem como os documentos normativos brasileiros, acerca do trabalho com crianças pequenas nas escolas de educação infantil tratam com grande importância sobre o desenvolvimento e sensibilização de um amplo espectro de linguagens na composição curricular desta fase educacional. Dentre as práticas pedagógicas inovadoras que apontam para tal importância, não podemos deixar de citar a experiência pedagógica de Reggio Emilia, iniciada na década de 60 e que perdura até os dias atuais. Seu precursor Loris Malaguzzi, descreveu a ampla capacidade expressiva própria da cultura da infância em seu poema intitulado “As cem linguagens da criança” (1999):

A criança
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem, sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir.
Cem mundos
para inventar.
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e depois cem, cem, cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir um mundo que já existe
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho

a realidade e a fantasia
 a ciência e a imaginação
 o céu e a terra
 a razão e o sonho
 são coisas
 que não estão juntas.
 Dizem-lhe enfim:
 que as cem não existem.
 A criança diz:
 Ao contrário, as cem existem.

Malaguzzi finaliza seu poema chamando nossa atenção para o fato de que a educação e a cultura ao invés de promoverem e acolherem essa complexa capacidade expressiva das crianças, acabam por separar e fragmentar as formas expressivas com seu histórico enrijecimento cartesiano e polarizado, presas nos pares de opostos: razão e emoção, objetivo e subjetivo, mente e corpo, ciência e esoterismo, dentre tantos outros. A pedagogia reggiana trouxe a experiência ético-estética, traduzida pelas linguagens das artes gráficas, plásticas, literárias e cênicas para o centro do processo educativo, como resultado, podemos acompanhar mais de 50 anos de formação de crianças criativas, potentes e protagonistas de suas próprias aprendizagens.

Seguindo a reflexão sobre o enrijecimento subjacentes à ciência cartesiana nos processos de formação e construção do pensamento ocidental, gostaria de trazer para o diálogo o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa, que em seu livro - Os olhos da pele: a arquitetura dos sentidos (2011), debate sobre o ensino da arquitetura a partir do papel do corpo humano como local de percepção do mundo, chamando nossa atenção para a primazia, na cultura ocidental, dos olhos, do olhar, em detrimento dos demais sentidos: olfato, tato, audição e gustação, em que até o próprio pensamento é igualado à visão.

Nossa cultura tem dado primazia ao olhar desde muito tempo. Inclusive muitos filósofos escreveram sobre paradigmas centrados nos olhos, a partir da dominância da visão sobre os demais sentidos. A entrada da tecnologia em nossas vidas privadas e corporativas, trouxe além da visão, a audição como sentido privilegiado. Os demais sentidos ficaram renegados às relações íntimas e muitas vezes são inclusive vistos como impróprios por nosso “código cultural centrado nos olhos e obsessivamente higiênico” (PALLASMAA, 2011, p.16).

No entanto, neste ensaio, o autor destaca que todos os sentidos são derivações e extensões do tato, inclusive a visão. Discorrendo sobre a primazia do tato, Pallasmaa cita a pesquisa do antropólogo Ashley Montagu:

(A pele) é nosso órgão mais antigo e mais sensível, nosso primeiro meio de comunicação e protetora mais eficiente... Até mesmo a córnea transparente dos olhos é coberta por uma camada de pele modificada... O tato é pai de nossos olhos, nariz, nossa boca. Ele é o sentido que se especializou e gerou os demais, algo que parece ser reconhecido pelo fato de ser considerado há muito tempo “o pai de todos os sentidos”. (In: PALLASMAA, 2011, p.10)

Inclusive, o título deste capítulo foi concebido a partir do diálogo e analogia adjacentes à leitura deste livro, fazendo uma brincadeira, um convite para olharmos para o mundo, em específico para olharmos e pensarmos a educação e os processos de ensino e aprendizagem a partir dos sonhos - Os olhos dos sonhos. Pallasmaa nos convida a tocar o mundo, esta pesquisa é um convite para sonharmos o mundo, em específico para sonharmos a escola. Como as crianças expressam seu encontro com o mundo através dos sonhos?

“Os olhos querem olhar, as mãos querem acariciar” Johann Wolfgang von Goethe (In: PALLASMAA, 2011, p.13)

“ O dançarino tem ouvidos nos dedos do pé” Friedrich Nietzsche (In: PALLASMAA, 2011, p.13)

E os sonhos o que querem?

Os sonhos na escola ou uma escola nos sonhos

Os caminhos trilhados nesta pesquisa são fruto da lupa com a qual percebo e interpreto o mundo, são parte desse recorte particular e subjetivo. Por esse motivo, olhar para os sonhos das crianças na escola não poderia partir de outro lugar que não fosse a Psicanálise. Minha primeira formação acadêmica e profissional, a Psicologia e por escolha a Psicanálise. Meu olhar para os sonhos das crianças nasce nesse terreno, foi com Freud que aprendi a escutar os sonhos, primeiramente os meus próprios sonhos, em minha análise pessoal.

Quando pesquisamos a literatura da psicanálise sobre sonhos, percebemos a grande diferença existente entre o número de publicações sobre sonhos de adultos e de crianças. As publicações sobre metapsicologia do sonho, técnica analítica, relatos de casos clínicos e desenvolvimentos teóricos discorrem principalmente sobre sonhos de adultos.

Alguns psicanalistas concebem essa disparidade ao fato de que seria possível transpor aos sonhos de crianças o que se sabe sobre os sonhos de adultos, não havendo necessidade de pesquisas específicas. Outros autores, no entanto, compreendem as especificidades dos sonhos infantis e apontam que esse equívoco seja oriundo do entendimento dos sonhos de crianças como simples, sem deformações e, geralmente, fáceis de interpretar, pois estariam a serviço de indisfarçadas realizações de desejos - reações da vida psíquica da criança a estímulos ocorridos no dia anterior (PROVEDEL, 2008).

Além disso, cabe destacar que em toda sua obra Freud descreve apenas um caso de análise criança, O caso do Pequeno Hans (1909). Considerando o exposto, vemos a importância de estudar os sonhos de crianças para além de seus aspectos metapsicológicos, técnicos ou clínicos: olharmos a criança como um sujeito do inconsciente: um sujeito de desejo.

A pesquisa sobre os sonhos na escola foi inspirada a partir do trabalho do psicanalista junguiano Roberto Gambini, que entre 2007 e 2010 desenvolveu uma pesquisa sobre os sonhos das crianças em três contextos diferentes, a saber, na cidade de São Paulo em uma escola de classe média alta, em uma favela do Rio de Janeiro e em comunidade indígena no Amazonas. Este trabalho pode ser encontrado no livro: (Por) uma educação com a alma: A objetividade e a subjetividade nos processos de ensino/aprendizagem (2000).

Em sua pesquisa Gambini (2000) nos convida a fazermos intercâmbios entre as áreas do conhecimento, mais especificamente na troca e diálogo entre a psicanálise e a pedagogia:

O conhecimento novo resultará da superação de barreiras convencionais e da transdisciplinariedade... sonho e educação sempre estiveram separados, porque inconsciente e aprendizado sempre foram províncias estrangeiras” (p. 105). Com seu pensamento ousado e inovador o autor constrói esse diálogo com base na ideia de que o inconsciente, conceito inaugurado por Freud há mais de cem anos, e a inteligência apresentam uma relação fundamental, já que todos os aspectos da experiência de vida humana estão de certo modo determinados por uma disposição favorável ou desfavorável do inconsciente. Nesse sentido, “o inconsciente cria a predisposição para aprender. Não só para aprender; na verdade, o inconsciente abre ou fecha o acesso à experiência da vida (GAMBINI, 2000, p. 106).

Cabe destacar, que Gambini constrói seu pensamento a partir da psicanálise Junguiana, para a qual o inconsciente é a matriz originária e muito antiga de onde, ao longo de milênios de evolução humana, emerge a consciência. Nesta vertente, o inconsciente além de individual, é também coletivo e apresenta formas arcaicas, anteriores às diferenças culturais - os arquétipos. Jung e Freud concordavam com a definição de que o inconsciente abarca conteúdos não conhecidos pela consciência e que sua principal manifestação reside nos sonhos. A ruptura entre eles se deu na concepção de Jung acerca do inconsciente coletivo. Segundo a qual a psique é composta por uma sobreposição de camadas, fazendo uma alusão a geologia das formações rochosas: na superfície estaria a consciência e o ego, abaixo estaria o inconsciente pessoal, recalcado pela consciência e, mais abaixo, o inconsciente coletivo, que se seguirmos em suas camadas mais e mais profundas nos levaria lugares onde a psique já não existiria mais como fenômeno individual e sim coletivo (GAMBINI, 2000, p. 109).

Seguindo os caminhos do inconsciente manifestos nos sonhos o autor faz uma provocação-convite: os educadores trabalhem no dia a dia de uma escola de educação infantil os sonhos, o mundo onírico do imaginário infantil, primazia e monopólio exclusivo até então dos terapeutas: “Os artistas e os poetas sempre os usaram (os sonhos) como bem entenderam e não por que de se pensar que um educador também não possa usá-los para seus próprios fins” (GAMBINI, 2000, p.111). Sua proposta era de que as professoras pudessem escutar e compreender as crianças através de mais um lugar, a linguagem onírica.

Em minha pesquisa percorri a mesma estrutura devolvida por Gambini em sua longa experiência com os sonhos na escola. Em meus encontros com as crianças - em

nossas Rodas dos Sonhos - pedia para que as crianças relatassem seus sonhos e, após todos os sonhadores do dia terem realizado seus relatos, as crianças desenhavam seus sonhos.

Possibilitar a escuta dos sonhos na escola é abrir caminho para o novo, como nos ensina Platão, as crianças são o *néos*, aquilo que é "jovem", "recente", "que causa uma mudança". Os sonhos e a linguagem infantil são um par que caminham juntos, que podem ser pensados e desenvolvidos em conjunto.

Sobre a escuta das expressões infantis, suas linguagens e narrativas, Adriana Friedmann (2020) em seu livro “ A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias”, nos convoca a uma linda, potente e tão necessária viagem que convido a cada um de vocês, que se dedicaram a leitura desse escrito até aqui, a fazerem bem devagarinho, percorrendo cada capítulo-espaco. No decorrer desta viagem a autora retrata as múltiplas linguagens expressivas das crianças e nos faz uma provocação/convite para a escuta da linguagem dos sonhos:

Escutar os sonhos das crianças, mesmo que não sejamos psicoterapeutas, é um meio de ficarmos próximos dos seus universos profundos. O sonho pode realmente ser evocado, muitas vezes reinventado, assim como acontece com o faz de conta ou com qualquer outra das narrativas expressivas sobre as quais refletimos até aqui. O mais importante é compreender que existem universos profundos e inconscientes que realmente são essenciais para compreendermos e conhecermos as crianças nesse desafio que é a escuta (FRIEDMANN, 2020, p.91).

Na sequência de seu livro Friedmann nos convida a refletir sobre a ética na pesquisa com crianças. Entendendo a ética como “lugar de construção, como espaço de liberdade e criação de significados, diferentemente da moral: normas e regras de um determinado tempo social e histórico” (FRIEDMANN, 2020,p.140).

No percurso de escuta, observação e pesquisa com crianças, questões relacionadas às suas autorias e direitos precisam receber grandes cuidados, já que historicamente as crianças tiveram seus mundos, tempos, espaços e conhecimentos subjugados aos dos adultos, que ocupavam, e ainda ocupam, o lugar de saber e autoridade.

O cuidado ético que devemos assumir nesses processos de dar voz e escutar crianças tem a ver com respeitar seus tempos, seus espaços, sua intimidade, suas emoções, suas escolhas; estarmos abertos para acolher suas essências, seus potenciais, aceitar suas limitações e preferências. Todas essas atitudes são fundamentais para não violentar seus mundos (FRIEDMANN, 2020, p.141).

Em respeito à criança, nosso primeiro exercício ético é pedir sua autorização para adentrar em seu mundo. Sim, a criança de voz e vez! Ela pode e tem o direito de não querer participar de nossas proposições, sejam elas educativas ou de pesquisa. “ Como saber? Só fazendo o exercício de nos colocarmos em seu lugar. ” (FRIEDMANN, 2020, p.142).

Nosso grande desafio metodológico e ético é escutar e olhar as crianças como protagonistas de suas próprias vidas, como produtores de conhecimento e cultura, como disse no início do capítulo: olhar a criança como sujeito de desejo!

Seguindo esse caminho de construção da ética na pesquisa com crianças, em meu primeiro dia “de campo” as convidei para fazermos uma roda e sentados nessa posição circular, favorável à troca e a escuta, iniciei nossa conversa contando sobre minha pesquisa e interesse em conhecer e ouvir sobre seus sonhos na escola. Contei a elas como seriam realizadas as Rodas dos sonhos, qual seria a frequência, como eu iria registrar, por vídeo e também anotando os sonhos em meu caderno dos sonhos, e que após os sonhos elas iriam desenhar os sonhos relatados. Disse a elas que a participação ou não da pesquisa era uma decisão particular e livre de cada criança. Pedi a ajuda e colaboração das crianças para pensarmos uma forma de formalização e criação de um instrumento de autorização em que elas expressariam seus desejos de participação ou não da pesquisa. Prontamente o grupo iniciou um debate, que no final culminou em um “gabarito”: X, significaria: não quero participar e V, quero participar.

Cabe destacar que nesse primeiro encontro uma das crianças disse que não gostaria de participar e foi acolhida e ouvida em sua decisão. Em nosso segundo encontro, essa mesma criança me procurou e disse que havia mudado de ideia, que gostaria de participar e me disse que tinha um sonho para contar naquele dia. Sua mudança de opinião também foi acolhida e respeitada.

Seguem imagens do gabarito elaborado pelas crianças e seus consentimentos ou não em participar da pesquisa:



Além de apresentar e conversar com as crianças sobre a pesquisa, dialoguei primeiramente com a educadora de referência do grupo, momento em que pensamos juntas como, onde e quando a pesquisa poderia ser desenvolvida. As famílias das crianças também foram informadas sobre o desenvolvimento da pesquisa em conversas individuais e, também foi coletada a autorização e consentimento formal dos adultos

responsáveis pelas mesmas¹. É importante salientar que o território de desenvolvimento da pesquisa, o campo, foi a escola da qual sou co-fundadora e trabalho.

¹ As autorizações estão apresentadas no anexo 2 (p. 60).

Sonhário - por uma gramática dos sonhos.

Sonhei esta existência de venturas,
 Sonhei que o mundo era só d'amôr,
 Não pensei que havia amarguras
 E que no coração habita a dôr.

Sonhei que m'afagavam as ternuras
 De leda vida e que jamais pallôr
 Marcou na face humana as desventuras
 Que a lei de Deus impoz com rigôr.

Sonhei tudo azul e côr de rosa
 E a sorte ostentando-se furiosa
 Rasgou o sonho formoso que tive;

Sonhando sempre eu não tinha sonhado
 Que n'esta vida sonha-se acordado,
 Que n'este mundo a sonhar se vive! (PESSOA, 1995, p. 45).

Seria possível construirmos em nossa prática pedagógica com crianças pequenas uma gramática dos sonhos? Com essa pergunta construo o título deste capítulo: Sonhário - por uma gramática dos sonhos. A palavra gramática vem do Grego e significa algo como “a arte das letras”: *gramma*, significa letra e deriva de *graphein*, que significa escrever. Fazendo um paralelo com os sonhos, o sonhário seria “a arte dos sonhos” ou a linguagem dos sonhos no território da escola. É com esse intuito, com esse desejo que adentro à escuta dos sonhos das crianças na escola, para quem sabe um dia poder os sonhos estarem presentes no dia a dia da escola, como mais uma linguagem-narrativa expressiva da voz das crianças reconhecida e de fundamental importância.

No decorrer das rodas dos sonhos as crianças repetidas vezes relataram a diferença entre sonhos e pesadelos. Considerando essa narrativa recorrente, achei de grande importância realizar uma sessão onde as crianças pudessem falar sobre o que era um sonho, sobre como a gente sonhava e qual era a diferença entre sonho e pesadelo. Essa sessão foi realizada em um formato diferente da roda dos sonhos, propus que fizéssemos em formato de roda de entrevista, cada criança, uma por vez seria a entrevistada, as demais, eu e o educador ficaríamos em semicírculo ouvindo as respostas da entrevistada. As entrevistas foram realizadas em 11 de maio de 2022. Foram gravadas pelo celular, por mim, enquanto realizava as perguntas e as ouvia atentamente junto com o grupo. Essa gravação foi editada e está disponível para apreciação dos leitores pelo link anexo 1.

Seguem os relatos sobre o que são os sonhos, como sonhamos e qual a diferença entre sonhos e pesadelos.

Sonho é uma coisa que quando a gente está dormindo a gente vê. Quando a gente está dormindo de brincadeira, a gente não faz um sonho de verdade. (Miguel, 6 anos e 5 meses²).

Um sonho é um sonho. Tipo, as pessoas que vão dormir sonham com um sonho, as vezes é um sonho do sonho. Quem dorme sonha o sonho do sonho. Um dia eu dormi e sonhei o sonho do sonho e sabe o que eu sonhei. Nem eu sei! Tem dias que também a gente não sonha. as vezes não tem imagem no sonho e por isso a gente não conta. Ontem eu pensei que eu queria sonhar muito, por que faz muito tempo que eu não sonho. O pesadelo é uma coisa assustadora e o sonho não é uma coisa assustadora. As vezes a gente tá acordado e assisti algum filme e aí aparece no sonho (Lorenzo, 6 anos e 6 meses).

Na minha falação eu falei que as vezes a gente sonha, mas aparece tudo preto e aí a gente não lembra do sonho (Miguel, 6 anos e 5 meses).

Sonho é uma coisa que você fecha os olhos e parece de verdade, mas não é de verdade. É tipo sonhando e a gente acha que é de verdade. Quando aparece alguém que a gente conhece ou uma árvore, pode até parecer de verdade, mas não é de verdade. Tipo um dinossauro voador, isso não é de verdade. Sonho é uma coisa legal e pesadelo é animal. Eu já tive um pesadelo no parquinho (Rafael, 5 anos e 10 meses).

Um sonho é uma coisa que a gente pensa de olhos fechados quando a gente dorme. Mas, quando a gente finge que está dormindo a gente não sonha e as vezes a gente não sonha mesmo dormindo de verdade. Um sonho pode ser um sonho ou um pesadelo, pode ser muito bom ou muito ruim. E se tiver um fantasma dentro do nosso quarto e nossa mão não estiver perto, aí é um problemão! (Carol, 5 anos e 8 meses).

Sonho é uma coisa ruim ou uma coisa má. Quando a gente está dormindo e pensa na nossa cabeça. Um dia eu acordei e quarto estava todo escurinho e minha mãe e o Antônio estavam roncando (Lívia, 5 anos e 10 meses).

O sonho é quando a gente fecha os olhos e pensa numa coisa dormindo. Um sonho é tipo assim, uma coisa que não é real. Tipo descer numa tirolesa numa viagem de avião para São Paulo. Um pesadelo é tipo um sonho ruim, é um sonho que a gente não gosta de ter. Uma caverna de monstros malvados, isso é um pesadelo (Marina, 5 anos e 9 meses).

Repetidas vezes fui abordada pelos corredores da escola pelas crianças desse grupo com a mesma pergunta: *Nicole, hoje vamos ter a roda dos sonhos?* Recebi algumas cartas enviadas por elas, em que a professora se fez “escriva” de suas palavras motivadoras e expectantes pela partilha dos sonhos. Algumas famílias também me abordaram com devolutivas sobre os comentários e apreço das crianças pela roda dos

² Ao longo de todo o trabalho as idades das crianças foram calculadas tendo como referência o mês de escrita da pesquisa, a saber, novembro de 2022 e, não a data em que os relatos ou narrativas foram coletados.

sonhos em suas casas. As crianças com suas vozes me falaram de diversas formas sobre a importância que o relato dos sonhos representa para elas.

BOA TARDE, NICOLE
PIMENTEL!

NÓS PASSAMOS O FIM DE SEMANA
MUITO BEM. A CAROL FOI NO SHOPPING,
A MARINA COMEU BURACO QUENTE
COM O TOM-TOM, O RAFAEL BRINCOU
COM O JOÃO DE MÔNICA E O VICENTE
ALMOÇOU EM CASA - ERA FEIJOADA.
NÓS 4 NÃO SONHAMOS NADA NESTE
FIM DE SEMANA.

BEIJOS,
TURMA DOS GIGANTES!

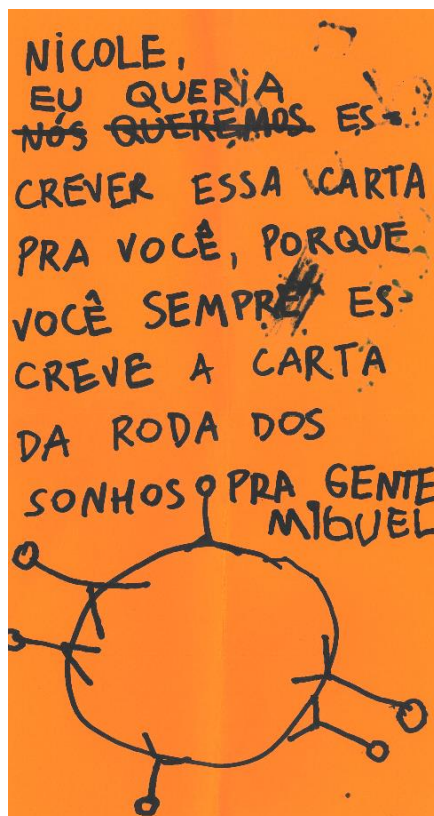
04/04/2022

EU ESTOU COM SAU DADE

EU ESTOU ANIMADA
PARA A RODA DOS
SONHOS



LINIA



Para esta breve pesquisa precisei me atentar a descrição e categorização de apenas alguns sonhos. Embora o desejo fosse trazê-los todos, o tempo-espaço não me permitiu que o fizesse. Quem sabe mais adiante, em outra oportunidade de escrita? As rodas dos sonhos continuam, a pedido das crianças e no compromisso e ética com elas e também, com o meu próprio desejo. Como não continuar se fui eu quem propôs e abriu esse portal de escuta e troca dos sonhos para e com as crianças?

Como inspiração para a elaboração do sonhário, me pautei na leitura e pesquisa que o psicanalista Roberto Gambini (2000) realizou, já mencionada no capítulo anterior. Segui também meus próprios insights, escuta e interpretações pessoais. As anotações de impressões e escutas pessoais apontadas em meu “caderno dos sonhos”, ou como diriam os antropólogos, meu diário de campo, foi de fundamental importância nesse processo de rememoração, categorização e descrição dos sonhos.

Cabe destacar, que foram relatados e coletados mais de uma centena de sonhos das crianças, sendo assim, os doze sonhos descritos e analisados nesta pesquisa representam apenas um recorte do vivido.

Vamos então para os sonhos, afinal são por eles e, pela escuta das vozes das crianças neles traduzidas e ecoadas, que estamos aqui.

Sonho de elaboração do real

Era uma guerra para matar as pessoas. Eu estava com minha mãe e a gente saiu correndo para fugir da guerra e nos escondemos dentro de uma gaveta. Fui eu que encontrei a gaveta para nos escondermos. A gente cabia dentro daquela gaveta, mas ela era uma gaveta de tamanho normal. Pelo buraco da gaveta a gente via a guerra, as pessoas sendo mortas. Eu tinha muito medo. Eles procuravam eu e minha mãe. Acordei com muito medo (Miguel, 5 anos – relato de 29.03.2022).



No dia do relato desse sonho, Miguel chegou à escola e nos encontramos logo na entrada, ele me viu e já falou que tinha um pesadelo para contar na roda dos sonhos. Depois que entrou, sua mãe pediu para trocar umas palavrinhas comigo. Em nossa conversa ela relatou que o filho estava muito ansioso para dividir o sonho comigo e com os amigos, mas que se recusou a contar para ela e que percebia que a criança estava se sentindo muito importante com a roda dos sonhos. Na sequência, a mãe, apreensiva, dividiu comigo que estava saindo de viagem para São Paulo para realizar sua primeira quimioterapia. Após ouvir o relato do sonho dessa criança, fiquei muito comovida ao perceber o importante espaço para a palavra e elaboração que havia aberto para as crianças.

Como psicoterapeuta eu já havia experimentado muitas vezes a potência dos sonhos, manifestação genuína do inconsciente, na elaboração do vivido, mas como educadora essa era a primeira vez. Me coloquei a pensar na responsabilidade e também na grande oportunidade que os sonhos podem ter no dia a dia da escola. Os sonhos passeando na pedagogia da escuta diária das crianças e suas vozes. Miguel, no sonho elabora o medo e a fragilidade que estava sentindo, ele sabia da “batalha” que teriam que enfrentar daquele dia em diante, sua guerra era real. Toda semana teria que lidar com a

ausência da mãe, que por cinco meses faria semanalmente seu tratamento para o câncer em São Paulo. No sonho ele compensa essa fragilidade, foi ele quem encontrou a gaveta para se esconderem da guerra, aparece a figura do herói. Ao relatar o sonho, estamos todos, adultos e crianças, na posição de escuta, o que contribui ainda mais para reforçar essa posição heroína de enfrentamento da dura realidade vivida.

Sonhos de elaboração da realidade x fantasia

Eu tava olhando uma tela, eu estava junto com alguns amigos, mas não eram os amigos da escola. Aí borrou tudo e ficou tudo escuro, parecia um desenho. Os amigos ligaram para uma pessoa pedindo ajuda, quando apareceu um monstro verde e eu acordei (Lorenzo, 5 anos – relato em 06.10.2022).



No sonho a criança elabora o medo do escuro e do monstro, simbólicos do desconhecido, dos enfrentamentos do crescimento. Os amigos e o adulto aparecem como possíveis ajudantes e companheiros nesta empreitada de enfrentamento do medo, mas antes de ser solucionada a problemática aparece o monstro verde e a criança desperta assustada. Ainda que estejamos acompanhados e amparados, é na solidão, é sozinho que elaboramos e enfrentamos o viver. Essa solidão, que nós adultos tentamos a todo custo tamponar para nós mesmo e para os pequenos, preenchendo com inúmeros objetos de satisfação que, ao invés de contribuírem para as operações simbólicas tão fundamentais, como por exemplo, a frustração, acabam por tornar esse engano ainda maior, tomando proporções de angústias e insatisfações constantes.

Nesse sonho, a criança parece estar lidando também com imagens de algum desenho ou filme que assistiu na televisão e que a deixou com medo. Nessa idade as crianças ainda não apresentam maturidade simbólica para fazerem a operação de diferenciação entre fantasia e realidade, as cenas assistidas passam a fazer parte da realidade sonhada. O sonho nos aponta para as elaborações internas destas questões.

Sonhos que retratam o medo de dormir sozinho

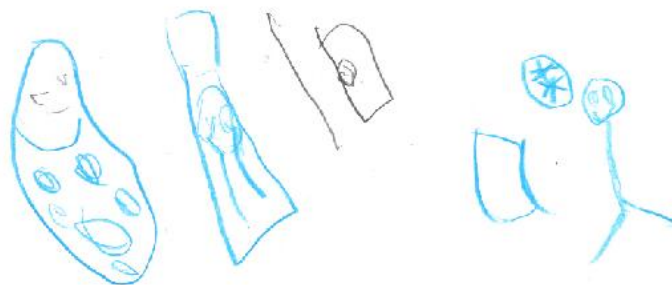
Um monstro bem feroz, que solta fogo pelo olho, está escondido dentro da caverna e ninguém consegue ver ele porque ele é invisível (Carol, 5 anos - relato em 26.05.22).



A figura mítica do monstro que aparece na caverna escura, representa o medo de dormir sozinha. No final do relato a menina nos conta que acordou assustada e foi para a cama da mãe. Nesse sonho podemos observar a repetição da caverna, que havia sido relatada primeiramente pela sonhadora Marina (no sonho descrito logo abaixo p. 46) e que aparece também no sonho da Carol. Essa fundição e repetição de elementos sonhados foi bastante observada durante as rodas, o que me leva a indagar sobre a possibilidade de condensações e identificações entre as crianças, seus medos e símbolos oníricos.

Na sequência do relato da Carol, Miguel conta seu sonho:

O menino estava dormindo sozinho no seu quarto com a porta fechada e o monstro estava dentro do quarto (Miguel, 5 anos - relato em 26.05.22).



A sequência dos sonhos revela a identificação entre as crianças com o medo de dormirem sozinhas. Nesse dia, Miguel nos contou que iria dormir na casa do pai, seus pais vivem em casas separadas, e, na casa do pai ele dorme em seu quarto sozinho e com a porta fechada. Naquele dia ele havia levado para a escola um ursinho de pelúcia, o qual iria dormir com ele na casa do pai. No sonho ele elabora a angústia desse enfrentamento noturno. A figura paterna, “o pai”, aparece nesse sonho como uma indicação do reconhecimento pela criança da lei, das regras, do modo pelo qual o mundo funciona (GAMBINI, p.142). Na faixa etária dessas crianças a discussão sobre o tema de dormirem sozinhos é premente e de fundamental importância.

Às vezes a gente tá sonhando e acorda assustado. Isso é um pesadelo. Eu estava dormindo de olho fechado e sabia que tinha uma barata viva atrás da porta do meu quarto. (Lorenzo, 5 anos – relato em 04.04.2022).

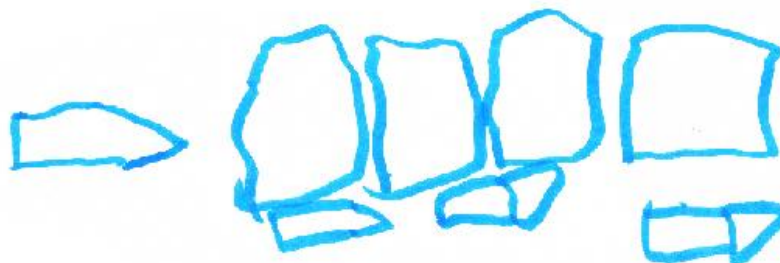


Após finalizar o relato do sonho, a criança nos conta que tem muito medo de barata de verdade e que muitas vezes não consegue dormir em seu quarto sozinho porque sonha que têm uma barata gigante atrás da porta. Quando isso acontece vai dormir no quarto dos pais.

No desenho observamos o contorno da porta, a barata é mesmo gigante, chega a ser representada quase do mesmo tamanho da porta, o medo é gigante. O menino não enfrenta a barata-medo, desperta e corre para o quarto dos pais. Neste grupo de crianças, como em tantos outros, alguns já alcançaram a autonomia psicológica e emocional para dormirem sozinhos, outros ainda não. A escuta e partilha dos sonhos entre as crianças é uma forma de enfrentamento coletivo deste processo, “ como se um estivesse ajudando o outro a se educar através dos sonhos” (GAMBINI, p. 137)

Sonhos que relatam a lógica onírica

Eu tive um sonho, mas, não me lembro da foto do sonho. Era um sonho maluco, lembro que uma coisa virava outra coisa, que virava outra coisa, que virava outra coisa. Esse sonho parecia os sonhos do Mateus, aqueles sonhos malucos que ele conta (Miguel, 5 anos - relato em 01/04/2022).



Nesse sonho, Miguel nos dá pistas de que a lógica onírica não obedece a lógica da razão e, de que nos sonhos as “coisas” se transformam em outras coisas e assim por diante, nos apresentando que as passagens e mudanças de espaços, personagens ou mesmo objetos pode ser facilmente transformada e transmutada, diferentemente da realidade e nomeia como “maluco”. Além disso, nesse sonho podemos notar a importância que a imagem representa no conteúdo onírico, mas que ainda que não possamos lembrar das imagens do sonho, ou nas palavras dele, da “foto” do sonho, podemos rememorar os sentimentos e pensamentos sonhados.

Além dos pontos destacados, gostaria também de dividir uma questão que me parece muito importante nesse sonho. A criança que Miguel relata como sonhadora de

sonhos malucos, não é uma criança neurotípica, está diagnosticado pertencendo ao espectro autista. Escutei do Miguel um *insight* nesse breve sonho relatado, essa criança, quando em contato com seus próprios conteúdos oníricos, percebe que a fala e discurso do amigo pertencem a outra lógica, são constituídos de uma outra ordem, a lógica do inconsciente. Qual a relação entre a fala desconexa e livre de sentidos previamente estabelecidos na comunicação e a lógica do inconsciente acessada nos sonhos? Será que o Miguel entendeu com os sonhos a forma de comunicação veiculada pelo amigo? Será que a compreensão dos sonhos, uma maior aproximação da linguagem onírica, facilitaria o acesso e comunicação com as crianças autistas no espaço escolar?

Para alguns psicanalistas a linguagem no autismo está mais livre de recalque do que nas neuroses, e por isso, mais próxima do inconsciente. Neste sentido, podemos acessar o inconsciente a “céu aberto” nessa estrutura psíquica. A partilha cotidiana do sonhado, o acesso e escuta do inconsciente pode abrir caminho para a compreensão das crianças sobre o outro, o outro que não sou eu, o estranho, o diferente.

Seguindo essa mesma relação de elaboração sobre o funcionamento da lógica onírica, Rafael (5 anos e 10 meses) nos relata:

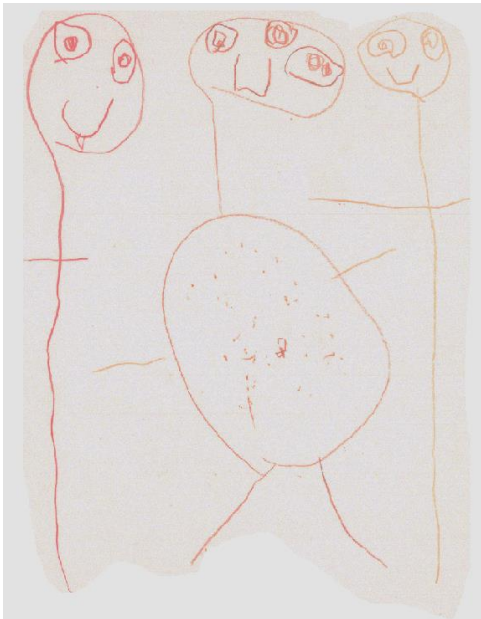
O sonho é uma coisa maluca, tipo uma meia dançadora dançando na nossa cabeça. A gente acha que é de verdade, mas não é. É só um sonho (relato em 11/05/2022).



Gostaria de dividir também, nesse recorte interpretativo sobre a lógica onírica, uma outra narrativa, que não é de um sonho propriamente dito, mas que faz referência ao lugar de intimidade e acolhimento que construimos ao longo de nossas rodas dos sonhos. Nesse sentido, embora não se trate de um sonho, foi no lugar destinado ao

relato dos sonhos, nesse espaço de fala e de escuta atentos que Vicente (6 anos e 2 meses), quando perguntei quem gostaria de compartilhar o sonho naquele dia, disse, muito emocionado, que não tinha um sonho, mas que gostaria de contar uma novidade na roda:

Minha mãe está grávida. Ainda não sabemos se será um irmãozinho ou uma irmãzinha (relato em 12/04/2022)



No desenho Vicente representa ele, o irmão mais velho e a mãe grávida.

Sonhos sobre o universo da escola

Sonhei que eu estava na minha casa, de repente eu olhei embaixo da cama e vocês não vão acreditar o que eu encontrei? Os coelhinhos do Baobá, eles tinham aparecido na minha casa! Que coisa maluca! A gente tinha ficado esse tempo todo procurando eles aqui na escola e eles estavam na minha casa! (Carol, 5 anos - 29.03.2022)





Desenho da Marina, sonho da Carol. Muitas vezes as crianças, além de desenharem seus sonhos, também desenharam os sonhos dos amigos.

Nesse sonho, a criança elabora um grande mistério que estávamos enfrentando na escola: os filhotes de coelhos, recém adotados, haviam desaparecido do quintal durante o feriado de carnaval. O grupo dos Gigantes, ao qual a Carol pertence, havia passado a semana à procura dos coelhos. Inclusive haviam desmontado algumas partes dos decks de madeira da escola, com a ajuda do educador Gabriel que dá aula de marcenaria para o grupo, para ver se os mesmos não estavam escondidos por lá. Tentativas de resgate em vão, os coelhos seguiam desaparecidos. No sonho, Carol resolve a angústia do desaparecimento: os coelhos estavam seguros em sua casa.

Sonhos de crescimento

A gente estava no avião indo visitar a Mauren. Só as crianças, todo mundo tinha 6 anos e já tinha tomado as duas doses da vacina. A gente tava no céu, lá no alto das nuvens perto do sol. Passamos por todo esse caminho e chegamos, todos os amigos, na casa da Mauren. (Marina, 5 anos - 28.04.2022)



Nesse sonho a criança retrata a saudade e o desejo de reencontrar a Mauren, a qual foi professora do grupo no ano anterior e que se mudou de cidade para outro estado longe do Paraná. Podemos perceber também a elaboração do vivido ao longo da Pandemia e a chegada tão esperada da vacina para as crianças. No momento do sonho estávamos vislumbrando a possibilidade de vacinação para as crianças desta faixa etária. No sonho Marina realiza todos esses desejos, todas as crianças estavam vacinadas e seguras na casa da Mauren, lugar somente para crianças, já que ela nos relata que somente as crianças estavam na viagem. A professora, figura de referência da escola, aparece no sonho representada por um lugar de intimidade somente das crianças. A menina representa neste sonho sua autonomia, sem pais internos que a proíba, viaja sozinha com os amigos da escola.

A seguir um sonho da mesma criança, em que podemos perceber uma outra perspectiva do crescimento sendo elaborada. Aparece agora o limite, os contornos necessários ao desenvolvimento.

Estava de noite, uma pessoa estava escondida em uma caverna vendo sua casa ser levada por um furacão lá para o alto do céu. (Marina, 5 anos - 26.05.22)



No sonho a noite e seus mistérios causam medo. Medo do desconhecido, enfrentamentos do crescimento que cada um a seu modo vai tecendo no tear da vida. Nesse sonho, a casa, porto seguro da criança, que também pode ser entendida como o corpo, nossa primeira e grande morada individual, encontra-se em perigo. No desenho a criança retrata, em meio ao caos do furacão levando sua casa, um relógio. O tempo, *chronos*, o tempo objetivo, social e externo e *kairós*, o tempo subjetivo e interno. Como é difícil fazermos essa operação simbólica do interno e externo, do objetivo e do subjetivo. A entrada na cultura e seu mal estar originário retratada por essa criança de forma simples e genuína. Podemos também notar nesse sonho o medo de perder a casa, ao aventurar-se na caverna escura a criança encontra-se em perigo. A atividade inconsciente colocando breques e limites, convoca a criança a um autoexame, o crescimento não se encontra na independência precoce e insustentável (GAMBINI, p. 132.).

Sonhos que retratam elaborações de questões relacionais entre as crianças

O meu sonho foi que ele, o Pocoyo, ganhou vida e brincou com a gente. Mas, daí o vilão apareceu no Baobá e todo mundo saiu correndo. Eu era a única que não conseguia correr rápido, eu tentava correr e gritava, mas ninguém me ouvia. Aí eu fui pega pelo monstro e ele me engoliu. (Lívia, 5 anos - 06.10.2022)



Antes de adentrarmos na análise do sonho, cabe destacar que durante o relato desse sonho a criança sonhadora ocupou o lugar de protagonista nas relações, todos os amigos e, também o adulto, estavam atentos ouvindo seu sonho. No cotidiano das relações com os pares, Lívia não ocupa com frequência a posição de liderança, no entanto, nas rodas dos sonhos assumiu o papel de protagonista e ganhou voz no grupo. Durante toda a pesquisa foi notória sua participação, trazendo a narrativa de seus sonhos em todas as rodas. Sendo assim, podemos observar que a criação e abertura de espaços de fala a partir da linguagem onírica propiciou uma inversão nos papéis sociais estabelecidos no grupo. O trabalho com a linguagem dos sonhos na escola poderia ser uma poderosa ferramenta de elaboração das questões relacionais entre as crianças? Perguntas que vagueiam pela minha cabeça...

Em do sonho todos os sonhos relatados por essa criança ao longo da pesquisa, o *Pocoyo*, personagem de um desenho infantil, aparece como protagonista circulando pelas relações e situações sonhadas. Cabe destacar que desde sua a adaptação escolar quando ainda era bebê, Lívia traz consigo o *Pocoyo* para escola. Tal objeto pode ser compreendido como “objeto transicional”, como abordado pelo psicanalista Winnicott, um objeto de conforto, um objeto de transição ou objeto de apego. É um objeto usado pela criança para proporcionar conforto psicológico e emocional, especialmente em situações inusitadas ou novas em que precisa enfrentar sozinha sem o auxílio ou apoio direto de suas figuras de referência (pai ou mãe), como por exemplo, dormir em sua cama sozinha, ou mesmo, como citado nesta situação, durante o processo de adaptação escolar.

É importante notar que mesmo após quase cinco anos frequentando a mesma escola ela segue trazendo seu objeto de apego. Tal fato nos aponta para uma insegurança

emocional ainda existente, que precisa ser elaborada e superada. Essa criança em algumas ocasiões precisa do auxílio do adulto para se colocar nas relações com os pares, muitas vezes se sente de fora, diz que não é a melhor amiga de nenhuma das meninas do grupo ou mesmo que não é a mais rápida e é deixada para trás, como relatado no sonho. O relato desse sonho para os colegas, certamente é uma forma de elaboração dessas questões.

O que as crianças nos (me) ensinam sobre os sonhos

Nesta breve experiência de proposição de contato cotidiano com os sonhos na escola da infância pude perceber, em conformidade com o relatado por Gambini (2000) em sua pesquisa, que a Roda dos Sonhos propiciou dois grandes ganhos às crianças e a também a mim como pesquisadora da infância: a escuta, da vez e da voz das crianças: enquanto uma criança narrava seu sonho, ficávamos todos, crianças e adultos com a atenção voltada e focada para ela. Desse modo, aprendemos sobre o respeito com a fala do outro, já que nesse momento todos que quisessem falar teriam sua voz e vez respeitadas. O adulto, que normalmente é aquele que detém o saber e autoridade, estava ali ouvindo e anotando o que a criança falava, a qual estava sendo ouvida como sujeito de desejo! Além disso, a narrativa dos sonhos propiciou um estreitamento dos vínculos entre todos, a partir da troca de conteúdos profundos de intimidade.

O maior presente que tive no desenvolvimento desta escuta-pesquisa foi encontrar nas crianças o acesso livre ao inconsciente por sua via régia - os sonhos. Enquanto em nossa cultura adulta o mundo dos sonhos está restrito às relações pessoais terapêuticas ou mesmo pertencente ao universo dos artistas, poetas ou loucos, encontrei nas crianças disponibilidade e entusiasmo no convite ao contato com a linguagem onírica. Para elas, os sonhos e a realidade são vizinhos próximos, quando não se encontram em fusão, traduzindo narrativas anímicas poéticas. Muitas vezes sonho, fantasia e realidade parecem pertencer ao mesmo universo imagético.

O sonho, representação do inconsciente, daquilo que não sabemos em nossa racionalidade, que não nos está permitido ter acesso, que é tabu, não causa temor às crianças, elas não têm medo de sonhar, elas não têm medo do não-saber, pelo menos ainda. Ainda, porque aos poucos, a cultura e a educação, vão arrancando-lhes essa capacidade inata de sonhar.

Se tem algo que aprendi com as crianças a partir dos sonhos é que elas, com suas culturas, representam uma resistência. O não temor aos sonhos, a fluidez que partilharam seus relatos dos sonhos em nossos encontros, apontou uma resistência de humanidade representada pela cultura da infância. Como é possível que crianças nascidas e criadas em uma sociedade e cultura onde os sonhos são tão pouco valorizados expressem tal intimidade com os sonhos? Essas me parecem pistas que nos apontam para a relação e conexão das crianças com uma cultura da humanidade profunda. Conexão que nós adultos já perdemos. As crianças, apesar de tudo que construímos até agora enquanto

humanidade, continuam nascendo e trazem consigo essa cultura não racional, esse acesso ao sensível, ao sutil. Fico a me perguntar porque é que nós, educadores e pesquisadores das infâncias, continuamos a insistir em uma educação que não ouve a cultura da infância, ou melhor as culturas das infâncias? Continuamos a praticar e engendrar uma educação racional que tem como grande valor o saber lógico, técnico e mecanicista.

Roda, palavra, oralidade, escuta, grafismos, sonhos, não são esses elementos primevos da cultura da humanidade? Retorno para as culturas dos povos originários. Entre os povos indígenas essas continuam a serem linguagens de transmissão, troca e manutenção da cultura. Perguntas que ecoam: será que os sonhos podem ser uma porta de entrada no caminho de reencontro com a natureza? Quero dizer, de consciência de que pertencemos à natureza, de um retorno a essa cosmovisão de que tudo está interligado? As crianças me ensinaram que sim.

Referências Bibliográficas

ABREU- BERNARDES, Sueli Terezinha. **A poética na formação humana na perspectiva teórica de Gaston Bachelard** – 2010. Disponível em: Acesso em: jun. 2022.

ALVAREZ Ferreira, Agripina Encarnacion. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos** [livro eletrônico] /Agripina Encarnación Alvarez Ferreira. – Londrina: Eduel, 2013.1 Livro digital. Disponível em: Acesso em: jun. 2022.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Martins Fontes. 3. ed. 2009.

_____. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.

EDWARDS, Carolin. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2020.

GAMBINI, Roberto. **Sonhos na escola**. In: SCOZ, Beatriz (org.). (Por) Uma Educação com alma. A objetividade e a subjetividade nos processos de ensino e aprendizagem. Petrópolis: Editora: Vozes, 2000.

HILLMAN, James. **O Código do Ser**, Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KOHAN, Walter Omar. **Infância e educação em Platão**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 11-26, jan. /jun. 2003.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança**. In: EDWARDS, Carolyn. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MENEGUEL, Xuxa. **Memórias / Xuxa Meneghel** , 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

MORIN, Edgar. **É preciso educar os educadores**. Jornal O Globo. Entrevista concedida a Andrea Rangel. 2014. Acesso em: jun. 2022.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 5. ed. 2015.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**. A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman 1a edição, 2011.

PESSOA, Fernando. **Poesias ocultistas**. São Paulo: Aquariana, 1995

PROVEDEL, Daniela; PRISZKULNIK, Léia. Freud e os sonhos de crianças. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 232-249, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000200014&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 25 out. 2022.

Anexos 1

Vídeo entrevistas sobre os sonhos realizada em 11/05/2022:
https://drive.google.com/file/d/1c8r5xLAB7Tu_7yJA-RKfdODKoiyoJ8fk/view?usp=sharing.

Anexo 2**Autorização para uso de imagens e narrativas**

Eu, _____, portador(a)
do CPF número _____, pai ou responsável por
_____,
_____ anos, residente na cidade de _____, estado _____,
AUTORIZO a pesquisadora Nicole Franco Pimentel, a utilizar imagens e/ou narrativas
coletadas sobre os sonhos da criança acima descrita, para serem veiculados na
pesquisa apresentada como conclusão de curso da pós-graduação em antropologia da
infância: A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias,
para fins exclusivamente de pesquisa, culturais ou educacionais.

A presente autorização constitui-se em uma doação, ficando os autores desimpedidos
de quaisquer pagamentos sobre direitos de imagem e/ou autorais.

Local:

Data: / /

Nome completo: _____

Assinatura: _____